



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARILIANE CARDOSO

HISTÓRIA(S) DE ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE ERECHIM/RS

Erechim
2018

MARILIANE CARDOSO

HISTÓRIA(S) DE ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE ERECHIM/RS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zoraia Aguiar Bittencourt.

Erechim
2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cardoso, Mariliane

HISTÓRIA(S) DE ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE
ERECHIM/RS / Mariliane Cardoso. -- 2018.
63 f.

Orientadora: Doutora Zoraia Aguiar Bittencourt.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Pedagogia-Licenciatura, Erechim, RS, 2018.

1. Histórico da Alfabetização no Brasil. 2.
Alfabetização em Erechim. I. Bittencourt, Zoraia Aguiar,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

MARILIANE CARDOSO

HISTÓRIA(S) DE ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE ERECHIM

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

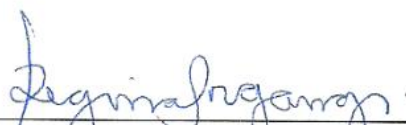
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zoraia Aguiar Bittencourt

Aprovado em: 14/12/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Me. Magali Maria Johann (UFFS/Erechim)


Prof.^a Me. Silvania Regina Pellenz Irgang (EMEF Cristo Rei)


Prof.^a. Dr.^a. Zoraia Aguiar Bittencourt (UFFS/Erechim)

Dedico este trabalho à minha mãe (*in memoriam*), que nunca mediu esforços enquanto viva para que eu pudesse realizar meu sonho de ser Pedagoga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tudo que tem feito em minha vida, por esse momento maravilhoso que Ele está me proporcionando.

À minha família, ao meu pai em especial, por compreenderem minhas ausências e por sempre terem me incentivado e me ajudado de alguma forma.

Às amigas que sempre estiveram me incentivando a nunca desistir, mesmo nos momentos mais difíceis, nos quais me incentivaram com palavras ou abraços.

A esta universidade e a todos os professores, por terem contribuído com conhecimentos teóricos e metodológicos indispensáveis à minha formação profissional.

A todos os participantes dessa pesquisa, o meu muito obrigada de coração por dedicarem um tempo para contribuírem com esta pesquisa.

Agradeço de coração à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Zoraia Aguiar Bittencourt, pela compreensão e paciência comigo. Obrigada por dedicar horas de seu dia para a orientação, nesse Trabalho de Conclusão de Curso, como encerramento dessa minha etapa de formação, por ter sempre acreditado na minha capacidade e por todos os ensinamentos que me proporcionou. Sua ajuda foi de extrema importância para que eu conseguisse chegar ao final deste Curso.

Enfim, não há como escrever este agradecimento sem deixar as lágrimas rolarem. Um grande sonho está se tornando realidade, o dia tão esperado se aproxima e a sensação é realmente inexplicável. Muitas vezes as palavras não expressam realmente tudo o que queremos transmitir, mas, mais uma vez, muito obrigada.

O processo de alfabetização nada tem de mecânico do ponto de vista da criança que aprende. A criança constrói seu sistema interativo, pensa, raciocina e inventa buscando compreender esse objeto social complexo que é a escrita.

Emilia Ferreiro

RESUMO

A sociedade vem exigindo que as pessoas não saibam apenas ler e escrever, mas compreendam e interpretem o que está sendo exposto pelo mundo. Neste sentido, as discussões relacionadas com alfabetização vêm ocupando lugar de destaque no cenário acadêmico, educacional e político brasileiro. Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema História(s) de alfabetização no município de Erechim/RS. O objetivo do estudo é investigar como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS. Além disso, procura investigar o processo histórico da alfabetização ao longo do tempo; analisar as histórias de alfabetização; ouvir as diferentes histórias de vida e descobrir se as experiências de alfabetização das pessoas foram marcantes. Este TCC tem como problemática investigar *Como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS?* Quanto aos aspectos metodológicos, para escrever o TCC, primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e teses disponíveis na internet. Ao pesquisar sobre como aconteceu o processo histórico de Alfabetização no Brasil, apareceram como principais autores: Cagliari (1998); Mortatti (2006, 2008, 2010, 2014) e Ferreira (1996, 1999, 2004). No segundo momento, foi realizado um Estado de Conhecimento em um dos principais eventos de alfabetização (I e II CONBALF) para conhecer o que já havia sido publicado sobre o assunto. Por fim, foi colocada em ação uma pesquisa de campo com a entrega de questionários para estudantes de diferentes gerações que foram alfabetizados no município de Erechim/RS e para docentes alfabetizadores, sendo os mesmos respectivamente das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Os questionários foram analisados pelo viés de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010), sendo que esses continham cinco perguntas que incentivavam as pessoas a contarem como aconteceu o processo de alfabetização em suas vidas. A partir das respostas dos questionários, foram construídas três categorias de análise: i) práticas e métodos adotados pelos docentes; ii) pontos positivos e negativos do processo de alfabetização; iii) diferenças no processo de alfabetização entre os dias de hoje e antigamente. Os resultados da pesquisa permitiram refletir sobre as práticas de alfabetização que vêm acontecendo nas escolas de Erechim/RS. Pode-se descobrir que a maioria das pessoas não lembra de seu processo de alfabetização, mas, analisando as histórias de vida de cada participante, percebe-se, no geral, que esse período foi positivo. Foi possível conhecer também como eram as metodologias utilizadas pelos docentes, sendo a cartilha, as atividades de cópia, de repetição, de memorização as mais rotineiras. Por fim, é possível concluir que, com o passar dos anos, o processo de alfabetização vem sendo modificado, especialmente no modo de ver as crianças, mas ainda é possível encontrar muitas práticas tradicionais de alfabetização em nossas escolas.

Palavras-chave: Alfabetização. História(s) de vida. Práticas pedagógicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ALFABETIZAÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA, PARA RECORDAR	10
2.1 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	12
3 O QUE DIZEM AS PUBLICAÇÕES: ESTADO DE CONHECIMENTO	21
4 METODOLOGIA.....	33
5 ANÁLISE DOS DADOS	39
5.1 PRÁTICAS DOCENTES E OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	39
5.2 HISTÓRIAS DE VIDA: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS QUE MARCARAM O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	43
5.3 PASSADO E PRESENTE, O QUE MUDOU NOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO?	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	58

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais a sociedade vem exigindo que as pessoas não saibam apenas ler e escrever, mas compreendam e interpretem o que está sendo exposto pelo mundo. Neste sentido, “as discussões e propostas relacionadas com alfabetização vêm ocupando lugar de destaque no cenário acadêmico, educacional e político brasileiro, [...] visando à produção de conhecimento e de soluções para a inclusão dos cidadãos no universo da cultura escrita” (MORTATTI; FRADE, 2014, p. 12).

O mundo contemporâneo vem também sendo influenciado pelas grandes mudanças tecnológicas. Com o fácil acesso aos eletrônicos e com a cultura da tela que vem se expandindo, multiplicam-se as demandas por práticas de leitura e de escrita, por isso cabe à escola buscar caminhos para tornar as pessoas leitores e escritores competentes. O principal momento para possibilitar isso é o processo de alfabetização.

Num mundo com tanto avanço, mas que ainda precisa muito evoluir na educação, é lamentável a quantidade de pessoas que são consideradas analfabetas funcionais e por isso é necessário ter um olhar reflexivo sobre este processo de alfabetização que as pessoas passam durante suas vidas.

A relevância deste tema sobre a alfabetização se dá pela alarmante taxa de analfabetismo que ocorre no país. O Brasil tem 11,8 milhões de analfabetos, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgada no dia 21 de dezembro de 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse contingente representa 7,2% da população de 15 anos ou mais de idade, a chamada taxa de analfabetismo referente ao ano de 2016.

Diante desses dados, aprender a ler e a escrever é uma oportunidade que as pessoas têm para se sentirem mais cidadãs, para terem mais possibilidades de se inserirem na sociedade com mais facilidade. Nessa perspectiva, “a alfabetização é um elemento importante, pois, saber ler e escrever são condições necessárias à participação na sociedade letrada em que vivemos” (CAGLIARI, 1989, p. 10).

Ao ouvir muitos docentes dizendo que as crianças não estão completamente alfabetizadas ao chegarem no 4º ano do Ensino Fundamental, me surgiu uma curiosidade enorme em aprender como fazer o processo de alfabetização ser significativo na vida das crianças. Diante desse desafio, mesmo sendo graduanda em um Curso de Licenciatura em Pedagogia, decidi começar a fazer parte do Grupo de Estudos em Alfabetização do Município de Erechim (GEAME) para adquirir conhecimentos sobre como deve acontecer

especificamente esse processo e para estudar mais profundamente como tudo foi se transformando através do tempo. No GEAME me apaixonei pela alfabetização e, desde então, cada vez quero descobrir mais sobre o tema.

Sempre tive grande curiosidade em descobrir como aconteceu o processo de alfabetização das pessoas e por isso a escolha deste tema de pesquisa; além disso, é um tema que tem grande importância para a vida das pessoas e para a sociedade.

Nesta perspectiva, este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *História(s) de alfabetização no município de Erechim/RS*, busca compreender como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS. Este trabalho poderá permitir conhecer, a partir da entrega de questionários, se as pessoas foram alfabetizadas por métodos tradicionais e se esses métodos deixaram lacunas no seu processo de alfabetização.

A partir dessa temática, foram definidos os seguintes objetivos para esta pesquisa: Investigar como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS; Investigar o processo histórico da alfabetização ao longo do tempo; Analisar as histórias de alfabetização de pessoas de diferentes gerações residentes em Erechim/RS; Descobrir se as experiências de alfabetização das pessoas foram marcantes; Analisar as contribuições de teóricos que vêm discutindo sobre os processos de alfabetização da vida das pessoas.

A divisão dos capítulos ao longo da pesquisa ocorreu da seguinte maneira: no primeiro capítulo, encontra-se a introdução do trabalho; no segundo capítulo, tem-se brevemente a história da alfabetização e de como surgiram os métodos de alfabetização. O terceiro capítulo apresenta uma pesquisa de Estado de Conhecimentos sobre as publicações que se aproximam da temática em estudo nesse TCC e que foram publicados em um grande evento da área de alfabetização, chamado Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF). O quarto capítulo apresenta a metodologia escolhida para desenvolver este trabalho. No quinto capítulo estarão as análises de dados, as quais partiram da leitura das respostas dos questionários entregues a pessoas que foram alfabetizadoras ou foram alfabetizadas no município de Erechim/RS em cinco diferentes gerações.

2 ALFABETIZAÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA, PARA RECORDAR

A alfabetização é um assunto relevante que sempre está sendo discutido em escolas e entre muitos dos envolvidos na educação. A temática, que causa muitas curiosidades e preocupações com o caminho que vem tomando com o passar dos anos, é um debate primordial na vida das pessoas.

É importante lembrar acontecimentos do passado e que influenciam no presente, pois tudo é fruto de uma sequência de fatos que foram sendo modificados ao longo do tempo. A alfabetização é considerada, assim, a atividade escolar mais antiga da humanidade, pois, ao inventar a escrita, foi necessário criar também as regras que permitissem decifrar o que está escrito.

Mas o que seria a alfabetização?

Alfabetizar-se é muito mais que aprender a ler e a escrever, é um processo que exige dedicação e tempo para que as pessoas adquiram essas habilidades, cada uma de uma maneira diferente e em tempos diferentes. A alfabetização é um processo complexo, e cada educando constrói seu conhecimento. Sobre isso, afirma Moll (2009, p. 179) que:

A Alfabetização é um processo de construção do conhecimento e, como tal, é desencadeada pela “interação” entre o educando e objeto de conhecimento [...] transcende a escolha e à execução de um método de ensino; é um processo multifacetado no qual se confrontam a língua escrita, o educando e a intervenção didática do espaço escolar. (MOLL, 2009, p. 179).

Sobre a alfabetização ser um processo complexo e de muitas faces, Mortatti (2010, p. 329) afirma que “[...] é um processo complexo e multifacetado que envolve ações especificamente humanas e, portanto, políticas, caracterizando-se como dever do Estado e direito constitucional do cidadão [...]”. Alfabetização também é um ato político e por isso é tão essencial na vida humana.

No entanto, esse entendimento do conceito de alfabetização é apenas uma possibilidade de compreensão do que seja esse processo. O sentido da palavra alfabetização é múltiplo, ressignificado sob diferentes perspectivas e, como veremos a seguir, assim também foi no transcorrer dos tempos.

Segundo Cagliari (1998), os antigos povos começaram a desenvolver seu próprio sistema de escrita. Os semitas escolheram um conjunto de palavras que o som fosse diferente das outras. A lista começou com as consoantes e criou-se o alfabeto, em que cada palavra

correspondia a um hieróglifo. Com o tempo, os romanos perceberam que não precisavam ter nomes especiais para as letras, mas que o próprio som delas poderiam ser os seus nomes.

A alfabetização na Idade Média geralmente acontecia nas casas e era feita por alguém da família ou por um receptor que era contratado, até mesmo porque, como o alfabeto tinha o nome das letras, bastava o aprendiz decorar o nome das letras para tentar decifrar a escrita.

Conforme Cagliari (1998), em 1540 João de Barros publica a Cartinha (no sentido de mapa de orientação) em que trazia o alfabeto, depois combinações de letras usadas para escrever as sílabas das palavras e, por último, os mandamentos da igreja e orações. A ênfase era na decifração da escrita e na decoreba do alfabeto.

O processo foi se modificando com as descobertas dos povos e devido à necessidade da sociedade de escrita. Com isso, a alfabetização foi se tornando de extrema importância na vida das pessoas. “A Revolução Francesa trouxe grandes novidades para a escola: uma delas foi a responsabilidade com a educação das crianças, introduzindo a alfabetização como matéria escolar. A alfabetização popular nessa época significava a educação dos ricos [...]” (CAGLIARI, 1998, p. 21), mas a moda de as crianças aprenderem a ler e a escrever foi se espalhando pelo mundo e houve a necessidade de criar as cartilhas¹ da Língua Portuguesa para auxiliar nesse processo.

Em 1859, no Rio de Janeiro, foi publicada a cartilha *Manual explicativo do método de leitura*, organizada por Francisco Alves da Silva Castilho, que foi professor e alfabetizava crianças pobres. “Ele chama a atenção para o fato de que se devem ler palavras inteiras e não letras ou sílabas [...]” (CAGLIARI, 1998, p. 24).

Outras cartilhas foram surgindo, dentre elas uma que ficou muito famosa no Brasil, a de João de Deus (1830-1896), chamada *Cartilha Maternal ou arte de leitura*, que privilegiava a escrita sobre a leitura. Conforme Cagliari (1998, p. 25), nela “partia-se do alfabeto para a soletração e silabação, seguindo uma ordem hierárquica crescente de dificuldades, desde a letra até o texto”.

A alfabetização sempre foi muita discutida por estudiosos e pesquisadores e, com o passar dos anos, foi efetivada no âmbito da escola, tornou-se formal e foram surgindo vários métodos de alfabetização, cartilhas e materiais didáticos específicos, os quais serão apresentados na próxima seção.

¹ É importante fazer uma abordagem etimológica da palavra Cartilha. Segundo o Dicionário Luft (2000), s.f.1 livro para aprender a ler. 2.livro elementar.

2.1 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Com as cartilhas, começam a ganhar visibilidade os métodos de alfabetização para tentar superar alguns problemas que surgiram nesse processo, tais como a evasão escolar e o não aprendizado da leitura e da escrita. Muitos autores pesquisam a história dos métodos de alfabetização, entre eles Mortatti (2006), Cagliari (1998), Ferreiro (2004). Nessa seção do texto, será utilizada a divisão apresentada por Mortatti (2006). Segundo Mortatti (2006), foram quatro momentos relevantes sobre a história desses métodos: 1º momento: a metodização do ensino da leitura; o 2º momento: a institucionalização do método analítico; 3º momento: a alfabetização sob medida; e o 4º momento: alfabetização: construtivismo e desmetodização.

Sobre os métodos, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 21) justificam que, “[...] conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do ‘melhor’ ou ‘mais eficaz’ deles [...]” e começam a surgir as discussões sobre qual seria o melhor método a ser adotado pelo professor para alfabetizar.

No primeiro momento, no método sintético, as escolas, no final do Império Brasileiro, eram adaptadas e eram chamadas de “aulas régias”, que foi a primeira forma de ensino no Brasil e que pertenciam ao Estado, e não mais à igreja. Neste tipo de escola, tudo era muito precário, e o ensino da leitura era iniciado com as chamadas “cartas de ABC”.

O método usado antes de 1870 foi chamado de Método Sintético, que, segundo Mortatti (2006, p. 5), “para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da ‘parte’ para o ‘todo’): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas [...]”. Neste método sintético, começava-se do mais simples até chegar ao mais complexo. Partia-se dos sons, depois as letras correspondentes, depois as sílabas ou famílias silábicas e sempre na ordem crescente até chegar a frases isoladas.

O método alfabético ou de soletração, como define Frade (2007, p. 23), é “[...] a decoreção oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas sequências e numa sequência de todo o alfabeto e, finalmente, de letras isoladas.” Na silabação, a ênfase era a decoreba de letras, que, muitas vezes, eram memorizadas sem de fato as crianças aprenderem o que elas representavam.

Dentre esses métodos sintéticos, no método fônico “começava-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois se ensinam as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas. Cada letra (grafema) é apreendida como um fonema (som) que junto a outro fonema, pode formar sílabas e palavras.” (FRADE, 2007, p. 23). Para o ensino dos sons, era respeitada uma sequência, que começava dos sons mais simples até chegar aos mais difíceis. Esse processo é a ênfase desse método sintético, começar do simples até chegar ao mais complexo.

No método da silabação, a principal unidade será a sílaba, em que se começa a aprender por meio de famílias silábicas e suas combinações. Conforme Frade (2007, p. 24), “várias cartilhas dos métodos silábicos geralmente apresentam palavras-chave, utilizadas apenas para apresentar as sílabas, que são destacadas das palavras estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são recompostas para formar novas palavras e frases [...]” a partir das sílabas que os sujeitos aprenderam. Quanto à forma como era trabalhado esse método, ele se baseava “[...] quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras.” (MORTATTI, 2006, p. 5)

No entanto, algumas pessoas não defendiam este método e, de acordo com Mortatti (2008, p. 103), “[...] a principal crítica que, desde então, se passou a fazer aos métodos sintéticos é a de que eles impedem que a criança aprenda o sentido do que se lhe oferece no momento inicial da aprendizagem da leitura [...]”. A partir de 1890, então, reorganizou-se a Escola Normal de São Paulo, que formou muitos professores, os quais passaram a defender novos métodos para o ensino da leitura, sendo que um deles, o método analítico, foi se espalhando pelo Brasil.

Após a formação no curso Normal, esses professores passaram a ocupar cargos na administração das escolas e com “[...] a produção de instruções normativas, de cartilhas e de artigos em jornais e em revistas pedagógicas, esses professores contribuíram para a institucionalização do método analítico, tornando obrigatória sua utilização nas escolas públicas paulistas. [...]” (MORTATTI, 2006, p. 6-7).

Como ressalta Mortatti (2006, p. 7), esse método consistia em que “[...] o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo ‘todo’, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. [...] dependendo do que seus defensores consideravam o ‘todo’: a palavra, ou a sentença ou a ‘historieta’”. O método analítico, assim, era o inverso do método sintético, porque começava da unidade mais complexa da língua até chegar a mais simples. E foi nesse momento que surgiram as indagações do que seria esse todo que os professores deveriam

iniciar e aí ficava a critério de cada um decidir, ou seja, como relata como relata Frade (2007, p. 26), “[...] podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo do método (global de contos, sentencição ou palavrção) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba.”

No método da sentencição, o ponto de partida para alfabetizar é a sentença, que será decomposta em palavras até chegar à unidade mais simples, a sílaba.

O método global de contos ou também chamado de historietas, de acordo com Frade (2007, p. 27), “[...] parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e ‘lido’ durante um período, para o reconhecimento de sentenças, seguida do reconhecimento de expressões (porções de sentido), de palavras e, finalmente, das sílabas.” Ao contrário dos métodos sintéticos, que são constituídos a partir de palavras soltas para alfabetizar, no analítico o texto terá um pouco mais de sentido para o sujeito que aprende. Com os dois métodos existentes até então, começam as discussões dos defensores do método sintético contra os do método analítico e os questionamentos de qual seria o melhor a ser adotado pelos professores.

O terceiro momento é considerado a alfabetização sob medida e que vem para propor algumas mudanças. Nessa época, em 1920 “[...] as cartilhas passaram a se basear predominantemente em métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético e vice-versa) e começaram a se produzir os manuais do professor acompanhando as cartilhas, assim como se disseminou a ideia e a prática do ‘período preparatório’” (MORTATTI, 2006, p. 9).

Com as mudanças políticas e sociais, as cartilhas mesclavam os dois métodos, mas as discussões entre os defensores dos dois métodos continuavam. “Nesse período, funda-se outra nova tradição no ensino da leitura e da escrita: a alfabetização sob medida, de que resulta o como ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina as questões de ordem didática, portanto, encontram-se subordinadas as de ordem psicológica.” (MORTATTI, 2006, p. 10). Esse período determina muito das práticas existentes até hoje em nossas escolas. Conceitos como ritmo de aprendizagem, maturidade, dificuldades de aprendizagem têm sua origem nessa época.

No quarto momento, surge a Alfabetização num pensamento de Construtivismo. O Construtivismo não é um método, mas uma teoria de aprendizagem, que gera a construção de novos conceitos que vêm para desconstruir os métodos tradicionais de alfabetização. De acordo com Mortatti (2010, p. 332), “o construtivismo não pode e não pretende ser nem um novo método de ensino da leitura e escrita nem, portanto, comporta uma nova didática (teoria do ensino) da leitura e escrita.”

O construtivismo propõe que o conhecimento não é dado pronto aos sujeitos, mas, segundo Moll (2009, p. 91), “o conhecimento humano é construído nas relações do sujeito com a realidade. Esse processo é constituído pelas interações estabelecidas entre o sujeito e o objeto de conhecimento, portanto entre o homem e o mundo”. Essa teoria sobre como os sujeitos aprendem possibilita perceber que o sujeito constrói seu conhecimento através das experiências que tem com o mundo e que não é uma tábua rasa que só recebe conhecimentos prontos de alguém.

Segundo Teberosky (2003), nenhum método é apropriado para o ensino da leitura e da escrita, pois não veem a criança como sujeito capaz de construir seu próprio conhecimento. Esses métodos tradicionais (sintéticos, analíticos e mistos) são tecnicistas, em que o professor é visto como o que domina as técnicas e passa para seus alunos, sem levar em consideração aquilo que a criança já sabe.

A partir das ideias do Construtivismo, surge, então, uma nova didática, na qual a alfabetização não acontece através da cópia e da memorização ou por meio de cartilhas que não têm sentido para a criança, o que vem romper com os métodos de alfabetização. Nesse momento, portanto, “[...] do ponto de vista da história da alfabetização no Brasil, desse modelo teórico decorre o que denomino desmetodização da alfabetização” (MORTATTI, 2010, p. 332).

A partir de 1980, foram realizadas, nessa perspectiva, mudanças na educação para tentar diminuir o fracasso das escolas de alfabetização de crianças. Uma delas resulta da pesquisa sobre a Psicogênese da Língua Escrita, desenvolvida pelas pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky. “Os resultados dessas pesquisas se propõem a explicar a psicogênese da língua escrita na criança, implicando conhecer como a criança aprende a ler e a escrever; elas vieram justamente questionar as concepções até então defendidas [...]” (MORTATTI, 2010, p. 332).

Segundo Mortatti (2010), Emilia tornou-se doutora pela Universidade de Genebra sob a orientação de Jean Piaget. Jean Piaget se dedicou a estudos voltados à Educação, que estudou a gênese do desenvolvimento da inteligência humana. Segundo Piaget, “[...] o conhecimento resulta das ações e interações do sujeito no ambiente em que vive. Todo conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância [...]” (MOREIRA, 1999, p. 75). Emilia Ferreiro, especificamente em relação à construção da leitura e da escrita, modificou a teoria pedagógica tradicional, que afirmava que a mente de uma criança é uma tábua rasa ou é vazia, esperando para ser preenchida por conhecimento.

Piaget defendia exatamente ideia oposta a essa: a ideia de que o sujeito aprende por meio de suas ações e, nessa mesma perspectiva, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 29) dizem que o “[...] sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia [...]. Não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência.”

Discutindo sobre os métodos, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 31) criticam duramente os métodos e afirmam que “o método (enquanto ação específica do meio) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar; porém não pode criar aprendizagem. A obtenção do conhecimento é resultado da própria atividade do sujeito.” Emília Ferreiro, então, discípula de Piaget, adotou seus ideais e deu início a um ciclo de transformações no Brasil, mudando as práticas alfabetizadoras ao confrontá-las à concepção construtivista. As ideias de Emilia Ferreiro, segundo Mortatti (2010), se espalham rapidamente pelo Brasil a partir de 1984, quando seu livro *Psicogênese da Língua Escrita* é publicado em edição brasileira. As descobertas de seu livro tornam-se assunto principal nos meios pedagógicos e esse é considerado um marco do pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre a alfabetização.

A concepção construtivista leva em consideração os contextos sociais da criança e por isso permite uma significação maior nos processos de ensino e de aprendizagem da mesma. Nesta concepção a criança é vista não como uma receptora de conhecimentos, mas como aquela capaz de construir o seu próprio saber.

A partir das ideias do Construtivismo, o uso das cartilhas vem sendo questionado, já que elas são instrumentos ultrapassados e fora da realidade das crianças. Emília Ferreiro (2004) defende que o uso da escrita precisa sempre partir daquilo que faz parte do dia a dia das crianças. Neste período as crianças começam a ser consideradas sujeitos do processo de alfabetização, pois a alfabetização é um processo de assimilação e construção gradativa de cada indivíduo, e não apenas decoreba como as cartilhas traziam.

Não é apenas na escola que o processo de alfabetização acontece. Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”, acontecendo, assim, dentro e fora dos espaços escolares.

A criança vive em um meio onde recebe informações das pessoas com quem convive e pode visualizar embalagens, rótulos, cartazes, e isso já permite um contato com a língua. Nessa concepção de aprendizagem, esse processo de construção da leitura e escrita não acontece, começa ou termina na escola, mas faz parte da vida diária, uma vez que “muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam

interpretar os diversos textos que encontram ao seu redor (livros, embalagens, cartazes de rua), títulos, histórias em quadrinhos, etc” (FERREIRO, 2004, p. 65).

Após as discussões da Psicogênese da Língua Escrita e com o avanço da tecnologia, começa-se a perceber que apenas aprender a ler e escrever não é mais suficiente, é preciso usar leitura e escrita na sociedade e por isso surge um novo fenômeno, o *letramento*.

Soares (2010, p. 46) justifica que, “[...] afluindo o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado.[...] para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra *letramento*.” A palavra *letramento* aparece no Brasil a partir da década de 80. Soares (2010, p. 32) relata que “[...] a palavra *letramento* apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de 1986. [...]”. Para ela (2010, p. 35), “[...] *letramento* é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*, ou seja,” [...] o estado ou condição daquele que é *literate*, daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita.” (SOARES, 2010, p. 36)

Então, como Soares (2010) afirma, pode-se dizer que aquele que sabe ler e escrever é um sujeito alfabetizado, mas aquele que passa a fazer o uso dessa escrita e leitura na sociedade é um sujeito letrado, ou seja, o *letramento*, na perspectiva dessa autora, é muito mais que a alfabetização, é saber utilizar adequadamente a escrita e a leitura na sociedade. Portanto, como Soares diz (2010, p. 39-40), “[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele [...] que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado [...] pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita”.

No entanto, para ela, não se pode confundir que a alfabetização e o *letramento* como um único processo, são dois processos diferentes que se complementam. Conforme a autora, embora “[...] designem processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam formas de aprendizagem diferenciadas [...]” (SOARES, 2003, p. 15)

Nesta perspectiva, é preciso que os sujeitos sejam alfabetizados e letrados. Sobre isso, afirma Soares (2010, p. 47), alfabetizar e letrar “[...] como duas ações distintas, mas não inseparáveis, [...]: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.”

Alfabetizar e letrar são processos de extrema importância na vida das pessoas e sobre isso Soares (2003, p. 15) diz que “[...] é preciso reconhecer a possibilidade e necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrando alfabetização e letramento, porém sem perder a especificidade de cada um”.

Na sociedade atual, então, não basta apenas saber ler e escrever, mas é preciso muito mais que isso, é necessário saber fazer o uso da leitura e da escrita socialmente. O ideal é que as pessoas saibam fazer também a leitura de mundo, como fala Paulo Freire, e que saibam interpretar sozinhos neste mundo que apresenta tantos avanços. É fundamental alfabetizar e letrar os sujeitos.

Em contrapartida aos estudos de Soares, fazendo referência ao ilustre Paulo Freire, Gadotti (2005) retoma o conceito de Alfabetização de Freire, no qual Freire diz que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, o que significa que, muito antes de se inventar os códigos linguísticos, os sujeitos já liam o mundo, portanto, na perspectiva de Gadotti, alfabetização é um termo muito mais amplo do que apenas aprender a ler e a escrever, tal como defende Soares (2003).

Destaca-se, nesse momento, que acontecem muitas discussões sobre a alfabetização e o letramento. Cada autor traz contribuições sobre os conceitos que acreditam ser mais adequados, mas, mesmo assim, é extremamente relevante conhecer o que eles discutem sobre isso e por que se inseriu a palavra letramento nos dias atuais.

Por outro lado, Gadotti (2005, p. 48) afirma que, “segundo alguns autores, a explicação está nas novas demandas da sociedade, cada vez mais centrada na escrita, que exigem adaptabilidade a transformações que ocorrem em ritmo acelerado [...]”. Por outro lado, os defensores do uso da palavra *letramento* afirmam que o letramento é muito mais amplo que alfabetização.

Diante disso, Gadotti (2005) afirma que Emilia Ferreiro nega-se a aceitar o termo *letramento*, uma vez que, segundo ela, é um retrocesso conceitual. Sobre isso, Gadotti (2005) vem dizer que não se trata de um retrocesso, mas é uma armadilha que os educadores estão caindo, que “trata-se de uma posição ideológica que busca negar toda a tradição freireana” (GADOTTI, 2005, p. 49). A palavra alfabetização, conforme afirma Gadotti (2005, p. 49), “tem um peso, uma tradição no contexto do paradigma da educação popular, que é a maior contribuição da América Latina à história universal das ideias pedagógicas”.

Magda Soares vem com uma vertente diferente, na qual defende o uso da expressão *letramento*, afirmando que “as sociedades do mundo inteiro estão cada vez mais centradas na escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para

responder adequadamente às demandas contemporâneas.” (SOARES, 2008, p. 1). Nessa perspectiva, Soares (2008, p. 3) define o *letramento* como “o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler e interpretar tabelas [...]” e que esta nova palavra surge porque as necessidades mudaram.

Soares (2008, p. 3) ainda traz uma breve diferença entre alfabetizar e letrar, afirmando que, “se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita.”, mas Soares (2008, p. 3) também defende que são dois processos indissociáveis, ou seja, que alfabetização e *letramento* somam-se.

Além disso, Soares (2008, p. 4) vem defender que a alfabetização ocorre em um período específico e que o *letramento* ocorre durante toda a vida de um sujeito: “a alfabetização [...] se concentra nos primeiros anos de escolaridade. [...] mas não ocorre só aí: por toda a vida escolar os alunos estão avançando em seu domínio do sistema ortográfico. Mas, ao contrário do *letramento*, que se estende [...] mais que isso, por toda a vida”.

No entanto, como dito, Emilia Ferreiro traz ideias diferentes de Magda Soares. Para ela, “a alfabetização não um estado, mas um processo. Ele tem início bem cedo e não termina nunca. Nós não somos igualmente alfabetizados para qualquer situação de uso da língua escrita.” (FERREIRO, 2013, p. 1). Emilia Ferreiro, assim, vem dizer que a alfabetização acontece durante a vida toda e que não corresponde apenas ao período escolar, como afirma Soares (2008).

Sobre o uso da palavra *letramento* nos dias atuais, Ferreiro (2013, p. 3) fala que “descobriram no Brasil que se podia usar a expressão *letramento*. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. *Letramento* passou a ser o estar em contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê” e aí resolveram trazer um termo estrangeiro para o Brasil, mas, na verdade, para ela, o processo de alfabetização já contemplava tudo isso.

É possível claramente perceber a indignação de Ferreiro sobre utilizar essa palavra *letramento* como se o processo de alfabetização não fosse eficiente e não contemplasse a formação do sujeito e retrata: “Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica. Eu não uso a palavra *letramento*.” (FERREIRO, 2013, p. 3).

Por ser um processo tão plural e importante na vida das pessoas, ele pode deixar marcas positivas ou negativas. Considerando a importância desse impacto na vida das pessoas, tornam-se importantes estudos sobre o processo de alfabetização. Para conhecer tais estudos, foi imprescindível pesquisar e analisar as publicações similares à temática em discussão nesse TCC, ou seja, as histórias de alfabetização de pessoas de diferentes gerações.

Nesse sentido, a pesquisa a seguir se caracteriza como Estado de Conhecimento e analisará trabalhos do principal evento brasileiro na área da alfabetização, o Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF), no qual busquei identificar tais filiações conceituais, as escolhas metodológicas, as abordagens mais recorrentes, enfim, traçar um panorama do que vem sendo dito e a partir de qual perspectiva teórica vem sendo dito o que se estuda sobre alfabetização atualmente no Brasil.

3 O QUE DIZEM AS PUBLICAÇÕES: ESTADO DE CONHECIMENTO

Para descobrir o que já foi publicado sobre os processos de alfabetização e para perceber o que algumas publicações têm em comum ou de diferente com a pesquisa que apresento nesse TCC, realizei um Estado de Conhecimento nas publicações do maior evento nacional na área da alfabetização.

Para construção desse TCC, foi essencial, por meio dessa pesquisa de Estado de Conhecimento, saber o que já existe sobre o assunto pesquisado. Morosini e Fernandes (2014, p. 158) dizem que “o Estado de Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. É, portanto, um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida.”

Para realização desse estudo, analisei as publicações do I e II Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF), uma vez que o III CONBALF ainda acontecerá este ano, não podendo ainda, por esse motivo, ser analisado. O CONBALF² é um evento promovido pela Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf), que pretende propiciar a divulgação de pesquisas e ações, incentivar a proposição de novas temáticas de pesquisa e de novas possibilidades de ação e promover a participação dos diferentes atores envolvidos com a alfabetização.

O I CONBALF, com o título “Os sentidos da Alfabetização no Brasil: o que sabemos, o que fazemos e o que queremos?”, ocorreu nos dias 8, 9 e 10 de julho de 2013 na Faculdade de Educação da UFMG em Belo Horizonte - MG, tendo como entidade promotora a Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf)

Num primeiro momento dessa pesquisa de Estado de Conhecimento, fiz uma leitura dos resumos de todas as publicações, para, posteriormente, analisar as publicações que discutiam o processo histórico da alfabetização e as histórias de vida das pessoas, ou seja, as publicações que eram similares ao que pretendo desenvolver em meu TCC.

Após essa primeira etapa, percebi que o CONBALF I é dividido em seis eixos, tendo cada um publicações sobre o tema correspondente ao eixo. Para entender melhor, apresento o quadro abaixo:

² Disponível em: <<http://abalf.org.br/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Quadro 1: Eixos Temáticos I CONBALF

EIXOS	TEMAS	PUBLICAÇÕES
Eixo Temático 1	Alfabetização na Educação Infantil	16 publicações
Eixo Temático 2	Alfabetização no Ensino Fundamental	74 publicações
Eixo Temático 3	Alfabetização de Jovens e Adultos	11 publicações
Eixo Temático 4	Alfabetização, diversidade e inclusão	11 publicações
Eixo Temático 5	Alfabetização e formação de professores	30 publicações
Eixo Temático 6	Alfabetização e pesquisa acadêmico-científica	16 publicações

Fonte: Anais I CONBALF (2013)

Os temas apresentados neste evento do I CONBALF I são de extrema importância para quem faz parte da área educacional, pois todos os eixos têm significativas contribuições de pesquisadores e professores que realizaram suas pesquisas nessas áreas específicas. Foram feitas 158 publicações no I CONBALF.

Já o II CONBALF foi sediado na Universidade Federal de Pernambuco, tendo como temática “Políticas públicas de alfabetização”. Deste evento foram analisadas as 71 publicações das comunicações científicas, sendo que os relatos de experiências não foram analisados.

O CONBALF II também foi dividido, pela organização do evento, em seis eixos, cada um com publicações sobre o tema correspondente ao eixo. Para entender melhor, apresento o quadro abaixo:

Quadro 2: Eixos Temáticos II CONBALF

EIXOS	TEMAS	PUBLICAÇÕES
Eixo Temático 1	Alfabetização de jovens e adultos	3 publicações
Eixo Temático 2	Alfabetização e formação profissional	21 publicações
Eixo Temático 3	Alfabetização e infância	28 publicações
Eixo Temático 4	Alfabetização e políticas públicas	8 publicações
Eixo Temático 5	Alfabetização na história da educação	5 publicações
Eixo Temático 6	Alfabetização, diversidade e inclusão	6 publicações

Fonte: Anais I CONBALF (2013)

Analisando as 158 publicações do evento do I CONBALF e as 71 publicações do II CONBALF, o que chama a atenção são as instituições das quais fazem parte os pesquisadores que publicaram no evento. Para resumir, apresento o quadro com as instituições e suas publicações.

Quadro 3: Instituições as quais estão vinculados pesquisadores com publicações no I CONBALF e II CONBALF

INSTITUIÇÕES	SIGLAS	PUBLICAÇÕES
Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	32
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	14
Universidade Estadual Paulista	UNESP	9
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	UERJ	8
Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	7
Universidade Federal do Pará	UFPA	5
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	5
Universidade Federal do Rio Grande	FURG	5
Universidade Estadual de Maringá	UEM	4
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	UEMS	4
Universidade Federal de Ouro Preto	UFOP	4
Universidade Federal de Pelotas	UFPeL	4
Universidade Federal do Amazonas	UFAM	4
Universidade Federal do Espírito Santo	UFES	4
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFRRJ	4
Universidade do Estado de Minas Gerais	UEMG	3
Universidade Federal de Mato Grosso	UFMT	3
Universidade Federal Rural de Pernambuco	UFRPE	3
Colégio Pedro II. Rio de Janeiro		2
Faculdades Integradas de Taquara	FACCAT	2
Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	PUC São Paulo	2
Secretaria Municipal do estado Mato Grosso	SEDUC MATO GROSSO	2
Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo		2
Secretaria Municipal de Educação de Belém	SEMEC-Belém	2
Secretaria Municipal de Educação do Amazonas	SEMED-Amazonas	2
Universidade de Brasília	UnB	2
Universidade de Passo Fundo	UPF	2
Universidade de Uberaba	UNIUBE	2
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	UNISINOS	2
Universidade Federal da Bahia	UFBA	2
Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim/RS	UFFS	2
Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	2
Universidade Federal de Lavras	UFLA	2
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	UFMS	2

Universidade Federal do Maranhão	UFMA	2
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	UFRN	2
Escola Municipal Antonia Eurlí de Brito		1
Escola Municipal Professora Leci Caldeira Schermer		1
Escola Municipal São Pedro		1
Escola Recanto da Criança de Itapiuna		1
Faculdade Três Pontas	FATEPS	1
Instituição Evangélica de Novo Hamburgo	IENH	1
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul Campus Sertão		1
Instituto Nacional de Surdos		1
Pontifícia Católica de Minas Gerais	PUC Minas	1
Pontifícia Universidade Católica De Campinas	PUC Campinas	1
Prefeitura de Belo Horizonte-MG		1
Secretaria Estadual de Educação de Rio Grande do Norte		1
Secretaria Municipal da Educação de Itumbiara		1
Secretaria Municipal da Educação Ribeirão Preto		1
Secretaria Municipal de Educação de Araucária-PR		1
Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande	SEMED-Campo Grande	1
Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias		1
Secretaria Municipal de Educação de Manaus	SEMED-Manaus	1
Secretaria Municipal de Educação de Minas Gerais		1
Universidade da Região de Joinville	UNIVILLE	1
Universidade do Estado do Amazonas	UEA	1
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	UERN	1
Universidade Estadual de Montes Claros	UNIMONTES	1
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Unioeste	1
Universidade Estadual do Piauí	UESPI	1
Universidade Federal de Alagoas	UFAL	1
Universidade Federal de Goiás	UFG	1
Universidade Federal de Rondônia	UNIR	1
Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	1
Universidade Federal de São Carlos	UFSCar	1
Universidade Federal de São João del-Rei	UFSJ	1
Universidade Federal de São Paulo	UNIFESP	1
Universidade Federal de Sergipe	UFS	1
Universidade Federal do Acre	UFAC	1
Universidade Federal do Ceará	UFC	1
Universidade Federal do Pampa	UNIPAMPA	1
Universidade Federal do Piauí	UFPI	1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	1
Universidade Federal dos Vale Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM	1
Universidade Federal Fluminense	UFF	1
Universidade Metodista de Piracicaba	UNIMEP	1

Universidade Salgado Filho	UNIVERSO	1
----------------------------	----------	---

Fonte: Anais I CONBALF (2013)

As publicações foram de diferentes instituições de ensino. É possível perceber que o maior número de publicações está vinculado às Universidades Federais de diversos estados, com 34 instituições diferentes. As Universidades Estaduais também apresentam um número considerável com 12 instituições. Percebe-se também o interesse de 9 Secretarias de Educação de diferentes municípios, 5 escolas e 1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, do Rio Grande do Sul, do Campus Sertão.

Entre os que mais publicaram tem-se, em primeiro lugar, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com o maior número das publicações, 32 artigos publicados; em segundo lugar, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com 14 publicações e, em terceiro lugar a, Universidade Estadual Paulista (UNESP) com 9 publicações. Cabe salientar aqui que as duas primeiras instituições possivelmente possuem maior número de publicações nesse evento por possuírem os dois principais centros de estudos nacionais na área de alfabetização. Na UFPE há o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (Ceel). Já na UFMG está situado o Centro de alfabetização, leitura e escrita (Ceale). Sendo assim, também não é por acaso que as duas edições desse evento ocorreram nessas duas instituições.

Para tal levantamento, foi realizada a leitura de todos os resumos dos eixos temáticos do I e II CONBALF, sendo extraídos deles informações como tema, objetivo, metodologia e conclusões para descobrir o que havia de comum ou de diferente entre as publicações.

Como era um número muito grande de publicações, optou-se por dividir em duas categorias para análise: (i) políticas de alfabetização e (ii) práticas de alfabetização.

Na primeira categoria de análise, políticas de alfabetização, busca-se investigar políticas que vêm sendo implementadas em escolas e que vêm dando certo no processo de alfabetização da criança, assim como também as políticas públicas que são criadas pelo governo. A partir de uma leitura flutuante desses resumos, é possível afirmar que as duas principais políticas de alfabetização estudadas por esses pesquisadores e que tiveram maior destaque nas pesquisas são Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). O foco de análise aqui será, então, nesses dois Programas, pois são políticas nacionais e foram muito significativas para o campo da alfabetização nesses últimos anos.

Para tal, foram analisados detalhadamente quatro artigos publicados sobre o PIBID, estes publicados no I CONBALF, sendo que no II CONBALF não havia nenhuma publicação sobre este programa.

Para dar início ao debate, é preciso entender o que é o PIBID. Segundo o Ministério da Educação, o PIBID é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). É uma ação governamental que “oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública.”. O objetivo do PIBID é “antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.”³

Um dos artigos analisados, intitulado *Alfabetização e letramento na percepção de bolsistas PIBID na UFMG: afinal, o que são?*, escrito por Almeida *et al.* (2013), publicado no I CONBALF, foi escrito por bolsistas do PIBID da Face/UFMG e relatam a prática de acompanhar turmas de alfabetização através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) das áreas de Alfabetização nas Séries Iniciais e Educação de Jovens e Adultos. Nesses estudos, os autores aprofundam as discussões sobre o que é alfabetização e letramento, apoiam-se nas discussões feitas por Magda Soares, Maria da Graça Costa Val, Paulo Freire e Luiz Antônio Marcuschi e procuram bases que os direcionem a um conceito mais adequado do que seja alfabetizar e do que seja letrar. Sobre os processos de alfabetização e letramento, os bolsistas afirmam que “[...] concluiu-se que alfabetização e letramento são processos que devem caminhar em conjunto, são indissociáveis.” (ALMEIDA *et al.*, 2013, p. 10)

Um dos artigos publicados no I CONBALF apresenta a estrutura do PIBID do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim, instituição onde sou acadêmica, que tinha como tema *Alfabetização e alfabetização matemática no primeiro ano do ensino fundamental*, escrito por Paim (2013). Neste artigo, a autora explica o que é o PIBID, relatando sobre um dos principais objetivos do Programa, que é contribuir para a formação de professores para a Educação Básica, assim como também possibilitar a inserção dos alunos dos cursos de licenciaturas em escolas da rede pública para que os mesmos possam vivenciar a realidade das mesmas.

³ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 15 out. 2018.

O objetivo era apresentar as atividades desenvolvidas pelos alunos bolsistas do PIBID do Subprojeto de Pedagogia do Campus Erechim/UFFS. Os resultados do subprojeto apontam que a formação durante o processo acadêmico é um elemento importante e que estar em contato com práticas alfabetizadoras é essencial. Este trabalho desenvolvido pelo PIBID possibilita a troca de conhecimentos e experiências entre os acadêmicos e docentes e, principalmente, permite fazer reflexões sobre as práticas alfabetizadoras que vivenciaram, o que contribui muito para seu processo de formação.

Outro artigo, intitulado *Alfabetização e letramento: pressupostos teóricos e práticos desenvolvidos por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID*, relata as experiências do Programa Institucional de Iniciação à Docência-PIBID realizado pela Universidade Estadual de Maringá, campus Cianorte, pelo curso de Pedagogia, durante o período de agosto de 2012 a abril de 2013, de autoria de Gonçalves *et al.* O artigo recomenda que as atividades do PIBID sejam desenvolvidas tanto em escolas que tenham obtido Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) abaixo da média nacional, como naquelas que tenham experiências bem sucedidas de ensino e aprendizagem para, assim, proporcionar aos bolsistas conhecerem realidades diferenciadas.

Um artigo muito interessante sobre o PIBID, intitulado *Vozes reveladas e reveladoras nas narrativas sobre a formação de professor alfabetizador no PIBID*, produzido por Nogueira e Melim (2013), relata sobre os percursos vivenciados pelos acadêmicos bolsistas participantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Neste artigo, os autores falam sobre a alfabetização e o letramento e trazem Soares (1998, p. 46) quando ela destaca que “as pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita.” Este artigo relata que o PIBID é de extrema importância para a formação inicial dos acadêmicos, pois nele se fazem discussões teóricas que depois podem ser vistas através das práticas dos docentes. Segundo os autores, os acadêmicos bolsistas conseguem fazer uma aproximação com os conhecimentos sobre o ensino e a aprendizagem envolvidos no processo de alfabetização para que no futuro possam nortear as suas próprias ações pedagógicas.

Essas publicações sobre o PIBIB destacam as contribuições que o PIBID proporciona na trajetória acadêmica e profissional dos universitários de Licenciatura, bem como defendem que esse projeto possibilita aos futuros professores entenderem como acontecem os processos de ensino e aprendizagem nas escolas ao terem um contato com a realidade encontrada nas mesmas.

Os artigos publicados no CONBALF que retratam o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) são dez publicações, três no I CONBALF e sete no II CONBALF. Essas publicações trazem definições do que é um programa integrado cujo objetivo é a alfabetização até o 3º ano do Ensino Fundamental, de todas as crianças das escolas municipais e estaduais, urbanas e rurais, brasileiras, o que foi implementado em 2012.

No artigo intitulado *A formação do PNAIC e as políticas públicas de formação de leitores: quais as repercussões na prática de professores alfabetizadores?*, escrito por Souza e Cavalcante (2015), foram feitos questionamentos aos docentes quanto à satisfação a respeito dos conteúdos abordados na formação do PNAIC. Para tal questionamento, todos afirmaram que gostaram e que foi muito construtivo e enriquecedor participar desse programa e informaram que estão colocando em seus planejamentos as sugestões de atividade que o mesmo proporcionou. Neste trabalho foi discutido também sobre como essas políticas públicas, a formação continuada e o investimento em materiais de leitura têm contribuído para criação de um cenário que favoreça a formação de leitores já desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Outro artigo retrata os dados coletados no curso de formação oferecido aos professores alfabetizadores atuantes na Rede Municipal da cidade de São João del-Rei pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Nesse estudo, os professores afirmam que o curso enfocou nos planos de aula, sequências didáticas e avaliação, aprofundando conhecimentos sobre a alfabetização de forma interdisciplinar. As atividades desenvolvidas pela professora orientadora no espaço de formação do PNAIC ocorreram através de um trabalho articulado entre a teoria e a prática, o qual tinha o objetivo de induzir os professores alfabetizadores a repensar suas práticas em sala de aula.

Nos artigos que trazem entrevistas com os professores que fizeram parte do PNAIC, pode-se perceber que o Programa traz contribuições para melhorar a prática educativa, oferecendo recursos, possibilitando novas estratégias de leitura e alternativas diferenciadas para alfabetizar de forma significativa e melhorar o processo de aprendizagem dos alunos.

As publicações sobre o PNAIC dialogam sobre a importância da continuidade dessa formação continuada de professores, mas que é preciso que participem também todos os envolvidos (gestores, coordenadores pedagógicos, secretários da educação). Assim, possibilitará, segundo esses autores, a criação de projetos coletivos.

Nas discussões dos artigos, é possível perceber que o PNAIC é considerado uma alternativa para melhorar a qualidade do processo educativo de aprendizagem das crianças do Brasil e formar os professores alfabetizadores que estão fazendo parte dessas formações.

Na segunda categoria, práticas de alfabetização, pode-se perceber nas publicações que há uma diversidade enorme de artigos que dialogam sobre diferentes práticas de alfabetização usadas em sala de aula pelos docentes para alfabetizarem as crianças, ou jovens e adultos. Minha intenção é abordar algumas ideias sobre essas práticas, mas não esgotar o assunto. Nessa perspectiva, são muitas as publicações que falam sobre práticas de alfabetização e por isso apresento apenas algumas dessas contribuições.

No artigo *As concepções do educando da educação de jovens e adultos sobre o uso de jogos de alfabetização na sala de aula*, escrito por Lima e Silva (2015), é destacado que os jogos motivam e facilitam o processo de aprendizagem, pois as atividades lúdicas inserem os sujeitos em um mundo imaginário e essas vivências auxiliam na construção de conhecimento e de regras sociais de convívio. Esse artigo baseia-se nos estudos de Kishimoto (2009), que diz que o jogo na educação pode assumir duas funções: a lúdica e a educativa. Na lúdica, o jogo propicia diversão, prazer (ou desprazer), quando escolhido voluntariamente. Na educação, o jogo ensina qualquer coisa que complete o educando em seus conhecimentos e sua apreensão do mundo.

Outro artigo, com o título *O uso de jogos no ciclo da alfabetização: estratégias desenvolvidas por docentes em processo de formação*, produzido por Pessoa *et al.* (2015), discorre sobre a importância de utilizar jogos na prática de alfabetização. O texto traz contribuições de Pessoa e Melo (2011), os quais afirmam que as situações propostas pelos jogos levam o sujeito a construir estratégias para alcançar um resultado favorável, proporcionam uma experiência que auxilia na aprendizagem de conteúdos escolares e no desenvolvimento de competências e habilidades.

O artigo *Os diferentes textos a serviço da perspectiva de alfabetizar letrando nos anos iniciais do ensino fundamental*, de autoria de Castro (2015), retrata o papel do professor em propor situações de aprendizagem que venham atender e alcançar as habilidades e as competências dos alunos, defendendo que estas práticas precisam ser planejadas com atenção. É preciso trabalhar com a diversidade de gêneros que fazem parte da vida cotidiana, pois, como bem trazem Santos e Mendonça (2007, p. 98), “é preciso propiciar aos aprendizes a vivência real de práticas de leitura e produção de textos, tornando a situação de leitura e escrita mais significativa.”

Um dos artigos, intitulado *Práticas de produção de textos na escola*, escrito por Costa (2015), também destaca que as práticas de alfabetização devem tomar as crianças como sujeitos de direito, produtoras e reproduzidoras de cultura. Nesse sentido, as práticas de alfabetização com crianças pequenas precisam envolver as brincadeiras, a ludicidade, a

oralidade das crianças, momentos de leitura, o contato com diferentes gêneros textuais. Os resultados dessa pesquisa indicaram que a docente envolvia a leitura de gêneros que faziam parte do universo infantil – parlendas, cantigas, poemas.

Outro artigo interessante, intitulado *Ensino e aprendizagem da leitura e da escrita: perspectivas de atuação pedagógica na paralisia cerebral*, de autoria de Franco (2015), retrata uma pesquisa que foi realizada em uma escola pública na cidade de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, a qual teve por objetivo acompanhar, analisar e intervir nas práticas pedagógicas desenvolvidas por professores da escola regular do Ensino Fundamental I com crianças em contextos de inclusão. O foco da investigação foi o trabalho desenvolvido pela docente, o qual buscou encontrar práticas pedagógicas que promovam esse processo de aprendizagem da leitura e escrita de uma criança com paralisia cerebral. Ao compreender as demandas da criança, a professora organizou suas práticas, sendo preciso diminuir o volume de cópias do quadro e de várias atividades que já chegavam prontas (xerocadas). Tudo isso contribuiu para uma melhora significativa no processo de aprendizagem da criança com paralisia.

Em geral, as publicações retratam a diversidade de práticas de alfabetização implementadas nas escolas para que as crianças sejam alfabetizadas e letradas desde os primeiros anos de escola. No entanto, ainda existem algumas práticas que apontam para um ensino focado somente na apropriação dos códigos alfabéticos e na decoreba.

É preciso, segundo as publicações, contextualizar as atividades de leitura e de escrita com situações reais da prática social, promover a alfabetização e o letramento, e não apenas a alfabetização. A ludicidade e a brincadeira devem fazer parte das práticas de alfabetização proporcionadas pelos docentes para que se tornem experiências prazerosas nas quais seja possível aprender brincando também.

Analisando os artigos que se assemelham com o que discuto neste TCC, encontrei três artigos no Eixo 5: Alfabetização na história da educação, os quais dissertam sobre a história de alfabetização no Brasil e a história dos métodos. Nesse sentido, decidi trazê-los mais detalhadamente para esse Estado de Conhecimento.

O primeiro artigo, *História da Alfabetização no Brasil: do ensino das primeiras letras à psicogênese da língua escrita*, escrito por Cavalcante (2015), relata o problema do analfabetismo no Brasil, sendo esse considerado um dos fatores de subdesenvolvimento. Este artigo descreveu o processo histórico da alfabetização no Brasil e como ocorreu a alfabetização através dos métodos de ensino, fazendo, por fim, alguns apontamentos sobre os estudos da Psicogênese no Brasil.

A autora enfatiza que as práticas de ensino foram sendo sistematizadas através de métodos e de cartilhas. Utiliza também como autores a Mortatti, estudiosa na qual me detenho bastante em meu TCC. A autora também faz referência à Emilia Ferreiro e falam da importância da Psicogênese da Língua Escrita. Por fim, nessa pesquisa, discussões situam-se em torno da aprendizagem do sujeito, perspectiva essa com a qual sendo também diálogo em meu TCC.

O segundo artigo que se assemelha a minha pesquisa, intitulado *O acervo de livros estrangeiros para o ensino da leitura e da escrita do grupo de pesquisa HISALES (FaE/UFPel)*, de autoria de Thies e Vieira (2015), discute a pouca existência de acervos de materiais da História da Educação de nosso país, em especial da História da Alfabetização, uma vez que algo que é descartado por alguns pode ser fonte essencial de pesquisa para muitos estudiosos, especialmente para aqueles que querem se dedicar ao estudo da História da Alfabetização. O artigo traz algumas imagens de cartilhas estrangeiras, mostrando o que enfatizavam e a importância de se preservar materiais que retratem o processo da história de alfabetização de nosso país e de outros países também. Essa pesquisa se assemelha a minha, pois traz o período que foram criadas as cartilhas e os métodos defendidos nesse período histórico, o que também é abordado no meu TCC.

O último artigo que analisei, com o título *Os agrupamentos produtivos na alfabetização e as diferentes concepções sobre ensino/aprendizagem da leitura e da escrita*, produzido por Silva e Santos (2015), debate a história da alfabetização no Brasil, lembrando que essa foi marcada por uma preocupação em torno do “como se ensina”, na qual se buscava métodos que fossem capazes de, por si só, darem conta dos processos de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita. Nesse momento, segundo os autores, começaram as discussões sobre quais dos métodos seriam mais eficientes, ficando essa disputa conhecida como *querela dos métodos*.

Estes artigos apontam que o ensino passou a ser sistematizado através de diversos métodos de alfabetização, analíticos e sintéticos, e de cartilhas, que foram sendo modificadas ao longo do tempo. Dizem ainda que, com o Construtivismo, ocorre a negação dos métodos tradicionais e a desmetodização do processo de alfabetização. Relembrem que, a partir da década de 1980, devido a índices alarmantes de fracasso escolar na alfabetização, as pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky preocuparam-se em apresentar reflexões sobre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a partir de seus estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita, defendendo que suas contribuições vêm para trazer modificações para o campo da alfabetização.

A grande questão foi a mudança de visão dos processos de ensino e de aprendizagem, na qual criou-se uma nova concepção de sujeito, o qual passou a ser visto como um ser ativo, capaz de ser protagonista do seu processo de aprendizagem.

No entanto, após analisar os resumos de todos os três trabalhos do I e II CONBALF, é possível afirmar que nenhum deles apresentou discussão semelhante àquilo que pretendo fazer nesse estudo, ou seja, analisar as histórias de alfabetização de sujeitos de diferentes gerações. Por outro lado, apresentam discussões que se assemelham ao que venho trazendo em meu TCC, principalmente sobre o processo histórico da alfabetização no Brasil e sobre os métodos.

Nesse sentido, é fundamental escolher uma metodologia adequada que possibilite alcançar o objetivo definido nesse trabalho, que foi investigar como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS. A seguir, apresento, então, o percurso metodológico escolhido para o desenvolvimento da presente pesquisa.

4 METODOLOGIA

Este capítulo apresentará as escolhas metodológicas que defini para desenvolver o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual tem como objetivo principal investigar como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS.

Para escrever o meu TCC, foi preciso muita pesquisa, pois escrever um trabalho acadêmico é um processo de busca constante sobre tudo o que já foi publicado sobre o assunto que se escolhe para escrever e, para isso, é imprescindível muita leitura. Sobre a importância da pesquisa, Ludke e André (1986, p. 1) afirmam que “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele [...]”.

Nessa perspectiva, primeiramente foi necessário aprofundar essa temática e, para tal, desenvolveu-se a escolha pelo referencial teórico do trabalho. Sendo assim, num primeiro momento, realizei uma pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2007, p. 71), “[...] é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”

Segundo Severino (2007, p. 122), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores [...]”. Além de livros, pude aprender mais sobre o tema da pesquisa em artigos e teses disponíveis na internet, os quais são de fácil acesso e possuem dados atuais e relevantes, não desconsiderando a importância de um livro. Sabe-se que quanto mais diversidade de publicações, melhor será o aprendizado sobre o assunto.

Muito além do senso comum sobre o assunto em que escolhemos pesquisar, é necessário fazer levantamentos de outras publicações sobre a pesquisa escolhida e por isso a necessidade de ler muito sobre o assunto e apropriar-se mais sobre o mesmo, por isso foi importante conhecer o processo histórico de alfabetização no Brasil.

Ao pesquisar sobre como aconteceu o processo histórico de Alfabetização no Brasil, logo apareceram como principais autores: Cagliari (1998); Mortatti (2006,2008, 2010, 2014) e Ferreira (1996,1999,2004), dentre outros autores que debatiam sobre alfabetização e os métodos que surgiram nesse período. Utilizei também livros, artigos, teses e publicações da internet sobre esses assuntos. Nessa direção, ressalta Marconi e Lakatos (2007, p. 158), “a

pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

Num segundo momento, realizei uma pesquisa de Estado de Conhecimento a partir de um quadro de categorização com as publicações do I e II Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF) para conhecer o que já foi publicado sobre o assunto pesquisado, nesse que se trata do mais representativo evento da área nos estudos nacionais sobre alfabetização. Segundo Morosini e Fernandes (2014, p. 155), “estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica [...]”.

Foram utilizados como fonte de análise artigos publicados no Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF), que, como dito, é um evento importante promovido pela Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF), que teve a sua primeira edição em 2013, a segunda edição em 2015, e a terceira aconteceu em maio deste ano. Por esse motivo, as publicações dessa terceira edição ainda não estão disponíveis e não foram analisadas.

O I CONBALF tem seis eixos temáticos e 168 publicações. Para realização desse estudo, o qual objetivou conhecer publicações recentes sobre a temática em estudo nesse TCC, fiz uma leitura flutuante dos resumos de todas as publicações e posteriormente li na íntegra os artigos que falavam sobre o processo histórico da alfabetização e seus métodos.

O II CONBALF também foi analisado, constituindo-se, também, de seis eixos temáticos, mas com 71 publicações. Há ainda, uma diferenciação do primeiro evento, pois tem uma distinção de trabalhos entre comunicação científica e relatos de experiência. Sendo assim, e para manter coerência com o que eu havia analisado no I CONBALF, optei por selecionar as publicações referentes à comunicação científica.

Por fim, foi realizada uma Pesquisa de Campo, na qual a coleta de dados foi executada através da entrega de questionários. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p.184), “questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.”

Minha pesquisa será de abordagem qualitativa, a qual se caracteriza por não analisar números para chegar aos resultados, mas sim se interessar por conhecer e analisar as contribuições das pessoas que responderam aos questionários, caso específico desse TCC. De acordo com Ribeiro (2006, p. 40), “pesquisar qualitativamente é, antes de qualquer outra

definição, respeitar o ser humano em sua diversidade. É entender que há singularidade em cada uma das pessoas envolvidas e que essa singularidade é construída na pluralidade [...]"

Os questionários continham cinco perguntas que incentivavam as pessoas a contarem como aconteceu o processo de alfabetização em suas vidas e o que lembravam desse período. Os sujeitos dessa pesquisa foram pessoas que foram alfabetizadas ou que trabalharam como professoras alfabetizadoras em décadas diferentes, sendo respectivamente das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Busca-se, ao analisar cinco diferentes gerações de estudantes/docentes, identificar, nas respostas desses sujeitos, mudanças que possam ter ocorrido nos modos de alfabetização desse período histórico, bem como conhecer como elas significaram essa experiência de alfabetização.

As respostas dos participantes foram respeitadas e levadas em consideração quanto às questões éticas, uma vez que nenhum nome será divulgado e as mesmas foram cuidadosamente analisadas. Para tal, cada participante que respondeu ao questionário assinou um Termo de Consentimento permitindo que suas respostas fossem utilizadas nesta pesquisa para posteriormente serem arquivadas. Através do questionário, pode-se conseguir muitas informações sobre o assunto pesquisado, podendo ser descoberto brevemente como aconteceu o processo de alfabetização de cada pessoa, as frustrações; enfim, tudo o que marcou positivamente ou negativamente cada um dos participantes do questionário.

Serão levadas em conta, como dito anteriormente, todas as questões éticas quanto às pessoas envolvidas, sendo que as identidades das mesmas não serão reveladas, apenas serão identificadas por letras, o que impossibilita que se saiba quem é a pessoa envolvida em questão.

Os questionários destinados aos docentes foram entregues em quatro escolas do município de Erechim, com um total de 25 questionários. No entanto, os professores devolveram respondidos apenas 12. Já os questionários destinados aos estudantes de diferentes gerações que foram alfabetizados em Erechim foram entregues a 30 pessoas, sendo que destes voltaram respondidos apenas 19 questionários. A ideia de entregar questionários a um grupo de docentes e a um grupo de estudantes de diferentes gerações é a de aproximar seus discursos na intenção de caracterizar práticas alfabetizadoras que possam ter caracterizado ou simplesmente terem sido valorizadas ou preponderantes em determinadas épocas no processo histórico de alfabetização em Erechim/RS.

A faixa etária dos docentes que responderam os questionários vai de 22 a 46 anos, sendo todas do sexo feminino. A faixa etária dos estudantes de diferentes gerações que

responderam os questionários ficou entre 10 e 43 anos de idade. A seguir apresento um quadro com o sexo, idade, geração e ocupação dos participantes da pesquisa:

Quadro 1: Perfil dos participantes da pesquisa

SUJEITOS	SEXO	IDADE	GERAÇÃO	OCUPAÇÃO
Sujeito 1	Feminino	28 anos	1990	Estudante
Sujeito 2	Feminino	29 anos	1990	Estudante
Sujeito 3	Feminino	19 anos	1990	Estudante
Sujeito 4	Feminino	22 anos	1990	Estudante
Sujeito 5	Feminino	30 anos	1980	Estudante
Sujeito 6	Feminino	22 anos	1990	Estudante
Sujeito 7	Feminino	28 anos	1990	Estudante
Sujeito 8	Masculino	14 anos	2000	Estudante
Sujeito 9	Masculino	10 anos	2000	Estudante
Sujeito 10	Masculino	30 anos	1980	Estudante
Sujeito 11	Masculino	25 anos	1990	Estudante
Sujeito 12	Masculino	16 anos	2000	Estudante
Sujeito 13	Feminino	40 anos	1970	Estudante
Sujeito 14	Feminino	12 anos	2000	Estudante
Sujeito 15	Feminino	11 anos	2000	Estudante
Sujeito 16	Feminino	14 anos	2000	Estudante
Sujeito 17	Feminino	18 anos	2000	Estudante
Sujeito 18	Feminino	11 anos	2000	Estudante
Sujeito 19	Feminino	43 anos	1970	Estudante
Sujeito 1	Feminino	45 anos	1980	Professor
Sujeito 2	Feminino	29 anos	2000	Professor
Sujeito 3	Feminino	46 anos	1980	Professor
Sujeito 4	Feminino	45 anos	1990	Professor
Sujeito 5	Feminino	31 anos	1990	Professor
Sujeito 6	Feminino	44 anos	2000	Professor

Sujeito 7	Feminino	22 anos	2014	Professor
Sujeito 8	Feminino	34 anos	1990	Professor
Sujeito 9	Feminino	33 anos	2000	Professor
Sujeito 10	Feminino	41 anos	2010	Professor
Sujeito 11	Feminino	27 anos	2010	Professor
Sujeito 12	Feminino	43 anos	1990	Professor

Fonte: Elaborado pela autora.

Esta pesquisa consiste, por fim, em uma Análise Documental, em que os documentos analisados serão os próprios questionários, uma vez que, como afirma Phillips (1974, p. 187 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38), “são considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano.” E estes documentos incluem desde “leis, regulamentos, normas, pareceres, cartas memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

As respostas dos questionários serão os textos em análise nesse TCC. Para isso, será utilizada a Análise de Conteúdo, de Lawrence Bardin (2010, p. 48), a qual pode ser caracterizada como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos [...]”. Para a realização da Análise de Conteúdo, há pontos principais que devem ser levados em consideração: pré-análise, codificação e a categorização.

A *pré-análise*, segundo Bardin (2010, p. 125), “tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. A leitura flutuante, nesta etapa, é uma atividade, segundo Bardin (2010), para ter contato com os documentos que serão analisados.

A segunda etapa, a *codificação*, é assim definida por Bardin (2010, p. 133): “é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo.”

E a terceira etapa, chamada de *categorização*, é o processo de criar categorias com os documentos a serem analisados, sendo essas assim definidas: “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade e registro, no caso da análise de

conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.” (BARDIN, 2010, p. 145).

Após a realização dessas três etapas, foram construídas as seguintes categorias de análise: i) práticas e métodos adotados pelos docentes; ii) pontos positivos e negativos do processo de alfabetização; iii) diferenças no processo de alfabetização entre os dias de hoje e antigamente. Essas categorias serão analisadas de acordo com a especificidade do documento em questão. Nessa direção, o próximo capítulo tem o intuito de apresentar a análise documental sobre as Histórias de alfabetização no município de Erechim/RS.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca compreender como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS. Essa análise foi realizada através das respostas de questionários entregues em quatro escolas do município de Erechim/RS, com um total de 25 questionários. No entanto, os professores devolveram respondidos apenas 12. Já os questionários destinados aos estudantes de diferentes gerações que foram alfabetizados em Erechim/RS foram entregues a 30 estudantes, sendo que destes voltaram respondidos apenas 19 questionários. A ideia de entregar questionários a um grupo de docentes e a um grupo de estudantes de diferentes gerações é a de aproximar seus discursos na intenção de caracterizar práticas alfabetizadoras que possam ter caracterizado ou simplesmente terem sido valorizadas ou preponderantes em determinadas épocas no processo histórico de alfabetização em Erechim/RS.

A partir das respostas dos questionários, foram construídas três categorias de análise: i) práticas e métodos adotados pelos docentes; ii) pontos positivos e negativos do processo de alfabetização; iii) diferenças no processo de alfabetização entre os dias de hoje e antigamente.

Na categoria *Práticas docentes e os métodos de alfabetização*, serão discutidas as práticas docentes que as professoras utilizaram/têm utilizado para o processo de alfabetização, bem como se usam ou não a cartilha em suas metodologias e se utilizam algum método de alfabetização. Na categoria *Histórias de vida: pontos positivos e negativos que marcaram o processo de alfabetização dos sujeitos*, será retratada a História de vida dos participantes durante o processo de alfabetização, analisando se foi um processo positivo ou negativo. Por fim, na categoria *Passado e presente, o que mudou nos processos de alfabetização?*, serão analisadas as diferenças que ocorreram entre o processo de alfabetização de décadas anteriores e dos dias atuais.

5.1 PRÁTICAS DOCENTES E OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Um dos principais fatores que interfere no processo de alfabetização são as práticas pedagógicas dos docentes. Tais práticas podem interferir positivamente ou negativamente na vida de um indivíduo. De acordo com Franco (2012, p. 156), “uma prática pedagógica é

formada por um conjunto complexo e multifatorial [...].Decisões, princípios, ideologias, estratégias [...] trata-se de ingredientes estruturantes das práticas pedagógicas”.

Para descobrir o que mudou com o passar dos anos nas práticas docentes, foi feita, para os sujeitos participantes dessa pesquisa, a pergunta a seguir: “Você modificou algo em sua prática alfabetizadora desde que começou a alfabetizar? O quê? Por quê? ”

Para responder essa questão, um docente afirmou: *Modifiquei quase que 98%. Hoje alfabetizo usando vivências das crianças, contextualizando, pensando no processo e construindo com as crianças ações de escrita e leitura. (P5 – 43 anos)*⁴

Outra professora relatou: *Senti necessidade de modificar, pois percebia que o modo com que eu ensinava não contemplava a aprendizagem para todas as crianças. Aos poucos, meu jeito de dar aulas foi modificando e a formação acadêmica foi proporcionando a segurança no trabalho (P10 – 41 anos).* Freire (1996, p. 39) afirma que o ato de ensinar exige uma reflexão crítica do docente sobre a sua prática, pois “pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática”.

Sobre essas mudanças nas práticas alfabetizadoras, uma das respostas foi: *com certeza, pois cada turma apresenta diferentes necessidades e interesses exigindo metodologia diversificada para atender e estimular a aprendizagem, porque precisamos nos atualizar constantemente. (P4 – 27 anos).* O processo de aprendizagem é contínuo, e os educadores precisam estimular os estudantes a aprenderem. Estudos recentes comprovam que é possível ,através de um ambiente alfabetizador, com atividades pedagógicas diversificadas e instigantes, que a criança se sinta bem em estar na escola.

O que podemos perceber é que antigamente era muito comum os professores adotarem as cartilhas em suas aulas. Para descobrir se essa utilização foi significativa nas salas de alfabetização do município de Erechim/RS, foi feita esta pergunta para os sujeitos alfabetizados a partir de 1970, na qual eles deveriam responder se utilizavam a cartilha com eles e também para as professoras que alfabetizavam ou alfabetizam se costumam utilizar as cartilhas em suas metodologias.

E as respostas são surpreendentes. Um dos docentes respondeu: *Nunca gostei muito de trabalhar com livro didático, porém, acabava reproduzindo atividades da cartilha que muitas vezes não tinha sentido para a aprendizagem das crianças (P10 – 41 anos).* Percebe-se que muitos professores, talvez por insegurança ou por acharem que deu certo durante o seu próprio processo de alfabetização, acabam por adotar a cartilha em suas aulas.

⁴ Cada participante docente recebeu a sigla “P”, que significa professor ,e um número para identificá-lo e manter sigilo do nome. Os números ao lado dos parênteses indicam a idade dos participantes.

Sobre a prática do professor alfabetizador, Schwartz (2016, p. 33) afirma que “a tendência é repetir o método com que foram alfabetizados”, o que comprova que repetir os métodos de alfabetização ainda faz parte da metodologia de professores alfabetizadores.

Uma das respostas das docentes foi que não utilizava a cartilha: *não tinha na época uma para cada aluno, além de eu adotar atividades de mais de um método de alfabetização (P11 – 27 anos)*. Isso indica que a metodologia adotada em sala de aula pela docente era baseada em métodos de alfabetização. Sobre isso, Leão (2011, p. 24) nos faz refletir que “os métodos de alfabetização sintéticos ou analíticos [...] têm sempre como pressuposto que todas as crianças deveriam aprender as mesmas coisas num mesmo tempo, num mesmo ritmo e da mesma maneira”. Assim, consideram que as crianças são todas iguais e que aprendem da mesma forma, do mesmo jeito. No entanto, já sabemos que todos os sujeitos são diferentes e aprendem de formas diferentes.

Os números surpreendem, uma vez que dos 19 participantes da pesquisa, 12 afirmam que as professoras utilizavam a cartilha em sala de aula e que foram alfabetizados a partir dela. Entre as respostas que se destacaram, transcrevo a seguinte: *a cartilha era utilizada quase todos os dias. Cada seção dela apresentava uma letra, suas formas de grafia, um texto com algum elemento em que a letra se destacava, imagens desse elemento, que eram normalmente animais ou frutas, cantigas ou parlendas (E17 – 18 anos)*.⁵

Segundo Mortatti (2000), cartilha é uma espécie de livro, como se fosse um manual a ser adotado, no qual é encontrado o método a ser seguido e a matéria que deve ser ensinada. Nesse sentido, antigamente grande parte dos professores a utilizava como uma referência para o processo de alfabetização, pois entendiam que, se seguissem a cartilha, alfabetizariam os indivíduos com êxito.

Um(a) participante conta com detalhes como era essa cartilha em que foi alfabetizado(a):

Na cartilha tinham exercícios de formar palavras, por exemplo: juntar o bo + de = bode, seguido do desenho do animal, ou objeto que estava sendo escrito. Uma coisa que eu gostava muito era que era possível escrever na cartilha, era como um caderno e eu gostava porque não precisava copiar do quadro. Eu particularmente lembro que gostava das cartilhas, porque era algo novo para mim, porque em casa eu não tinha contatos com nenhum tipo de livros e ilustrações (E10 – 30 anos).

⁵ Cada participante estudante recebeu a sigla “E”, que significa estudante, e um número para identificá-lo e manter sigilo do nome. Os números ao lado dos parênteses indicam a idade dos participantes.

Para Colello (2004), durante muito tempo a alfabetização foi entendida como mera sistematização do “B+A= BA” e as famílias silábicas. Os professores achavam que este método de seguir as cartilhas era o melhor possível para alfabetizar as crianças. No entanto, as cartilhas traziam atividades que não levavam em consideração o contexto em que as crianças viviam, pois se baseavam em atividades repetitivas e exaustivas. Sobre isso, Weisz (1999, p. 32) afirma: “em geral [as cartilhas] são palavras-chave e famílias silábicas, usadas exaustivamente – e aí se encontram coisas como ‘o bebê baba na Babá’, ‘o boi bebe’, Didi dá o dado a Dedé”. Um dos participantes respondeu justamente afirmando como eram as atividades das cartilhas: *A cartilha tinha um texto que me lembro que era com a letra I. Ivo viu a uva e tinha a figura de Ivo e a uva, todas as páginas tinham a figura ou o texto ou frase. (E13 – 40 anos).*

Eu, como pesquisadora, ao parar para refletir sobre o meu processo de alfabetização, ressalto uma das frases que me recordo que havia na cartilha denominada *Pipoca: A vaca voa*. Aí hoje, relembro esse processo de minha alfabetização, me pergunto: desde quando uma vaca voa? Então, se analisarmos as cartilhas utilizadas antigamente para alfabetizar, provavelmente terão frases e textos fora da realidade das crianças que estavam sendo alfabetizadas. Lembro-me que fui alfabetizada em uma escola multisseriada do interior em que uma professora dava aula para todas as séries juntas, em que o quadro era repartido em várias partes destinadas cada um a uma série; a professora era também diretora e merendeira. Ao rever a cartilha que fui alfabetizada, a qual guardo até hoje, percebo que primeiro eram ensinadas as vogais com muitos exercícios de repetição de letras, de colar papel crepom no traçado das letras e depois vinham as consoantes no método do BA-BE-BI-BO-BU. Depois, vinha junção de palavras curtas e, por último, as frases através da repetição de diversas linhas: *A boca do bebê é bonita*. Pelo que pude perceber, assim como muitos participantes da pesquisa, fui alfabetizada através da memorização e repetição e por meio do uso da cartilha do início ao fim do processo de alfabetização.

Percebe-se que muitos dos docentes acabavam adotando a cartilha para auxiliar no processo de alfabetização dos sujeitos por acharem ser a melhor alternativa, e os indivíduos, com exceção de uma participante, não lembravam o nome da cartilha usada, justamente (e provavelmente) porque não trouxe aspectos significantes que marcaram suas vidas durante seu processo de alfabetização.

5.2 HISTÓRIAS DE VIDA: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS QUE MARCARAM O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Durante o processo de alfabetização, as pessoas passaram por experiências em suas vidas que podem ser positivas ou negativas. Considerando o impacto disso para o futuro das pessoas, é essencial entender como esse período é lembrado entendendo as histórias de vida que cada um carrega consigo desse momento como importantes em suas vidas.

A história de vida pode ser entendida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. (CHIZZOTTI, 2011, p. 101).

Cada indivíduo carrega consigo experiências de seu processo de alfabetização que podem ser positivas ou negativas. Nessa direção, foi solicitado aos estudantes de diferentes gerações que respondessem no questionário a seguinte pergunta: “Você considera que seu processo de alfabetização foi positivo ou negativo?” Justifique. Dos 19 participantes que devolveram os questionários respondidos, 13 relataram que foi positivo. Apresento, a seguir, o posicionamento dos sujeitos dessa pesquisa.

Sobre o processo de alfabetização ser positivo, um dos participantes respondeu:

Acredito que de certa forma foi positivo, não tive nenhuma experiência traumatizante. Hoje tenho bastante dificuldade na escrita já que na época não construíamos nada, apenas copiávamos, mas mesmo assim dentro da realidade e contexto que eu vivo, a minha experiência na alfabetização teve saldo positivo (E2 – 29 anos).

Para responder as perguntas, seguramente os participantes tiveram que fazer um resgate da memória de experiências que estavam ali esquecidas e que, muitas vezes, se torna (ou não) algo bom de lembrar.

Ao lembrar esse processo de alfabetização, um participante fala que seu processo *foi positivo. Por que a professora estava sempre incentivando e ajudando (E15 – 11 anos)*. A partir dessa resposta, é possível perceber a importância da mediação do professor no processo de alfabetização, uma vez que ele pode incentivar e facilitar o processo de aprendizagem da criança. Segundo Frison e Schwartz (2012, p. 123), “no contexto escolar o professor é o principal responsável pela articulação de fatores que motivam o aluno a buscar, a pesquisar e a construir conhecimentos, pelo estímulo em tornar a aprendizagem dinâmica e inovadora”.

O professor deve proporcionar a construção do conhecimento e, tal como Hoffmann (2007, p. 37) afirma, “o acompanhamento do processo de construção de conhecimento implica favorecer o desenvolvimento do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas

leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras [...]”.

Entre outras respostas que chamaram atenção, há a resposta de um estudante que ainda está na escola em processo de formação e que respondeu que seu processo de alfabetização foi positivo, *hoje tiro notas boas, não reprovei nenhum ano na escola, tive ótimas professoras (E16 – 14 anos).*

Em contrapartida, também têm aquelas pessoas que tiveram experiências negativas durante seu processo de alfabetização: três participantes afirmaram que este processo foi negativo. Uma das justificativas apresentadas foi: *Hoje percebo que foi mais negativo, pelo fato de ao longo dos anos não me sentir totalmente segura para a interpretação de diferentes gêneros de leitura, justamente por não ter tido essa diversidade na época de alfabetização. (E6 – 28 anos).*

É importante desde cedo as crianças, já no processo de alfabetização, terem o contato com diferentes gêneros textuais para que posteriormente não sofram quando precisarem compreender e interpretar os gêneros que fazem parte de seu cotidiano. Sobre essa questão, Silva *et al.* (2012, p. 6) enfatizam que “a utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento propicia o desenvolvimento de diferentes habilidades comunicativas a partir da relação entre texto e contexto e suas implicações sociais.”

Houve, ainda, dois participantes que responderam sob duas perspectivas diferentes, em que consideram seus processos de alfabetização como tendo pontos positivos, mas que também ocorreram pontos negativos. Observemos essas duas respostas a seguir.

Um dos participantes que justificou nos mínimos detalhes sua resposta, respondeu:

Com o conhecimento que eu tenho hoje estando prestes a me formar em Pedagogia eu deveria considerar que foi negativo, porque eu aprendi ler escrever de maneira mecânica, por meio da repetição, da memorização, métodos atualmente condenados pela pedagogia moderna, que tem suas raízes no letramento. (E10 – 30 anos).

Por outro lado, o participante elenca também pontos positivos:

No entanto, em meu ponto de vista eu não considero negativo, considero positivo. Porque mesmo o processo sendo mecânico eu aprendi ler e escrever, porém com algumas fragilidades como por exemplo: a base do que eu aprendia era a Cartilha, visto que a professora elaborava as folhas mimeografadas partindo das palavras e situações propostas na Cartilha, então a Cartilha foi a base da minha alfabetização e isso foi um ponto frágil, no sentido de que as atividades e leituras eram totalmente descontextualizadas do meio social em que eu vivia, que era o campo. Tinha muitas coisas que eu via na Cartilha, que eu não fazia ideia o que eram e isso não me estimulava a aprender, eram coisas que não faziam parte do meu cotidiano. (E10 – 30 anos).

Muitas são as críticas dos estudiosos sobre usar a cartilha como uma metodologia adotada pelos docentes para alfabetizar, pois consideram que esses recursos adotam temáticas fora do contexto dos estudantes. Nessa direção, o (a) mesmo (a) participante conclui dizendo que:

Acredito que se as propostas desenvolvidas pela professora partissem da realidade da maioria dos alunos da escola, eu, assim como os demais teriam se constituídos em sujeitos com menos dificuldades na escrita. Eu por exemplo considero positivo porque aprendi a ler e escrever, mas com dificuldades de compreender o que eu lia, ou seja, traços de analfabetismo funcional, e isso é uma fragilidade significativa. (E10 – 30 anos).

Outro (a) participante respondeu que teve pontos negativos, pois não foi alfabetizado (a) na escola, mas que, por outro lado, teve um processo de alfabetização positivo em casa de uma forma prazerosa e que se tornou mais significativo. E esse sujeito respondeu:

Teve pontos negativos já que terminei o ano sem ler e acabei por realiza-lo em casa com o auxílio de gibis e intervenção de minha mãe. Entretanto, ao concluir minha alfabetização dessa maneira, cerca de dois meses, adquiri o hábito da leitura, fazendo sempre com prazer e me tornando leitora, fato que foi muito significativo e importante para mim. (E19 – 43 anos).

O processo de aprender a ler e a escrever deve acontecer de forma prazerosa e lúdica, pois através da ludicidade a criança assimila melhor o conhecimento. Possibilitar experiências prazerosas faz com que as crianças queiram aprender a ler e a escrever, se instiguem e tenham sede de aprender.

Cada indivíduo lembrou um pouco da sua história de vida sobre o processo de alfabetização que passou em sua vida, alguns foram muito breves em suas respostas, talvez por não se sentirem bem para falar sobre isso. Por outro lado, uns participantes relataram detalhadamente as experiências que tiveram nesse período. Sobre isso, é possível dizer que a alfabetização é uma das fases mais importantes da vida de um indivíduo e que será para sempre lembrada. Bosi (2003, p. 53) defende que “a memória é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

No entanto, percebeu-se, a partir das respostas recebidas nos questionários, que há uma abertura muito pequena por parte dos participantes em relatar esse período de alfabetização de suas vidas, ou seja, ficou evidente que apresentam receios em falar sobre as Histórias de vida do processo de alfabetização pelo qual passaram.

5.3 PASSADO E PRESENTE, O QUE MUDOU NOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO?

Com o passar dos anos, muitas são as modificações que acontecem ao nosso redor. Na alfabetização, o que será que vem mudando? Ou será que tudo permanece da mesma forma?

Por meio das respostas dos questionários dos sujeitos de minha pesquisa, vamos tentar descobrir se a forma como as pessoas vêm sendo alfabetizadas durante o passar dos anos está sendo modificada ou não. Para tal, a pergunta realizada foi: “Você percebe diferenças entre a época que você foi alfabetizado/a e os dias de hoje? Quais?”

Dentre as respostas dos 19 sujeitos da pesquisa, um (a) participante declarou que:

percebo muitas diferenças, no ano de 1994, ano que fui alfabetizado, alfabetizar por meio da repetição e memorização era comum. [...] aprender por meio de uma cartilha como eu aprendi em 1994, na perspectiva da repetição e memorização, a maioria dos sujeitos aprendia a ler e escrever mas não compreendia o que estavam lendo e escrevendo, porque aquilo não tinha sentido, não era algo relacionado com a realidade dos educandos. (E10 – 30 anos).

Um (a) participante relata as mudanças que percebeu no processo de alfabetização em relação aos dias atuais, justificando que: *acho que as metodologias de alguns professores mudaram, utilizando-se de brincadeiras para alfabetizar, mas isso não ocorre em todos os colégios. (E11 – 25 anos).* Sobre proporcionar momentos prazerosos na sala de aula e proporcionar um ambiente alfabetizador, Moll (2009, p. 69) afirma que “a criança que vive num ambiente estimulador vai construindo prazerosamente seu conhecimento do mundo.”

Pode-se ressaltar que nos dias atuais os estudantes são considerados protagonistas de sua própria aprendizagem e que não são mais considerados sujeitos repetidores de ideias. Defende-se, em estudos mais recentes na área da alfabetização, que os estudantes sejam capazes de construir seu próprio conhecimento com a mediação do professor. Sobre serem protagonistas do seu processo de alfabetização, Ferreiro (1996) afirma que nada tem de mecânico nesse processo do ponto de vista da criança que aprende, pois ela constrói seu conhecimento, pensa, raciocina e inventa buscando compreender esse processo.

Outra resposta que chama atenção diz que *há muitas diferenças, pois a escola priorizava o ensino voltado para a transmissão do conhecimento, o qual estava centrado no professor. A sociedade contemporânea disposta nos dias atuais tem o professor como mediador do conhecimento. Aprende-se na interação, mediação. (E19 – 40 anos).* Sobre a importância de o professor ser o mediador no processo de aprendizagem do sujeito, Cagliari

(1998, p. 55) afirma que “ser um mediador é ajudar o aprendiz a construir seu conhecimento [...]”.

Sobre a importância de o professor ser o mediador do conhecimento, alguns autores trazem que “aos adultos, cabe a função de mediação, iniciação, colaboração. O papel do outro é fundamental na constituição do eu e no desenvolvimento e nas aprendizagens que fazem ao longo da vida.” (KRAMER; NUNES; CORSINO; 2011, p. 71). Nessa perspectiva, as crianças precisam de alguém para incentivar e ajudar em seu processo de aprendizagem ao longo de suas vidas e na escola, sendo esse o papel principal do professor, ser o mediador.

Parece, pelos relatos dos participantes, que o processo de alfabetização dos indivíduos vem sendo modificado e que agora as necessidades da criança são levadas em consideração. Nessa direção, uma das respostas defende *atualmente as professoras possuem uma visão diferente sobre a alfabetização podendo proporcionar aos estudantes experiências diferenciadas e voltadas as necessidades das crianças. (E17 – 18 anos)*. O que sabemos é que quanto mais o professor propor aos estudantes experiências diversificadas em sala de aula, maior será o aprendizado. Por outro lado, essas respostas não podem se distanciar da realidade em que os mesmos vivem, nem se afastar muito do interesse que eles demonstram.

Como foram entregues os questionários a pessoas de diferentes idades, duas das respostas falam de experiências que os participantes estão vivendo este ano e que são muito ricas. Nesse sentido, considero que precisam ser trazidas para esta análise. Uma das respostas diz: *Neste ano, minha filha ingressou no 1º ano do ensino fundamental. Percebo que ainda são utilizados muitos métodos pelos quais fui alfabetizada. Porém hoje em dia é utilizado os meios digitais para o ensino. (E1 – 28 anos)*. É preciso destacar que os anos passaram, mas que algumas metodologias dos docentes permanecem semelhantes.

Cagliari (1989, p. 99) afirma que algumas escolas ainda utilizam atividades ultrapassadas de repetição e memorização: “a escola é talvez o único lugar onde se escreve muitas vezes sem motivo. Certas atividades da escola representam um puro exercício de escrever. Na alfabetização isso pode trazer problemas sérios para certos alunos”.

Outra resposta que vai ao encontro desse ponto de vista também conta sobre estar vivendo este processo de alfabetização atualmente e relata que:

Minha filha está sendo alfabetizada este ano (2018), a professora não utiliza cartilha porém trabalha com famílias silábicas, enviando leituras com as sílabas trabalhadas para que ajude em casa e uma vez por semana envia algum tema referente a alguma sílaba trabalhada, seja buscar por palavras com determinada letra, ligar os pontos. Sinal que muito permanece igual. (E5 – 30 anos).

O (A) participante conclui que pouco tem mudado a metodologia dos professores. Ainda sobre o que vem mudando com o passar dos anos no processo de alfabetização, mas agora na perspectiva dos docentes, foi realizada a seguinte pergunta: “Você percebe diferenças entre a época que você alfabetizava e os dias de hoje? Quais?”

As respostas foram as mais variadas possíveis. Dentre as que se destacam, foi recorrente: *hoje é mais prazeroso e exitoso o processo de construção da escrita e da leitura. Amooooo!. (P2 – 25 anos)*. Percebe-se a empolgação nesta resposta e, talvez pelo uso da palavra “construção” nessa resposta, esse(a) docente esteja seguindo o Construtivismo na perspectiva de Emília Ferreiro, que defende que o sujeito tem capacidade para construir seu conhecimento.

As tecnologias também vêm sendo lentamente incluídas no processo de alfabetização, uma vez que as crianças de hoje não são as mesmas de antigamente. Os estudantes de hoje possuem fácil acesso às tecnologias. Diante disso, é preciso que o professor busque metodologias diversificadas que cativem o estudante a aprender. Quanto a essa questão, um (a) participante respondeu: *as crianças de hoje estão mais ativas, têm mais acesso à informação e tecnologia. (P6 – 44 anos)*. De acordo com Pretto (2000, p. 161): “Enfrentamos o desafio de incorporar as tecnologias da informação para desenvolver, de forma mais significativa e atrativa, os conteúdos que nos propomos a ensinar. [...]”. As tecnologias podem se tornar uma ferramenta riquíssima no processo de alfabetização, já que faz parte da realidade da sociedade atual. Teberosky diz: “Com a difusão do uso da informática, entramos em uma nova etapa cultural: a era digital. Essa realidade não passa despercebida às crianças.” (TEBEROSKY, 2003, p. 31). As tecnologias estão incorporadas na vida das pessoas, e a escola não pode ficar de fora, é preciso que a escola seja atrativa e, uma vez que a tecnologia pode contribuir para uma educação de qualidade. Segundo Teberosky (2010), no teclado do computador estão todas as letras e símbolos que a língua oferece e o uso da tecnologia pode, portanto, auxiliar no processo de alfabetização.

Segundo esses (as) participantes, o que mudou é que nos dias de hoje a escola se tornou mais atrativa: *Agora as crianças são mais felizes, adoram vir para a escola, não querem faltar aula, a aprendizagem é aparente. As crianças são mais falantes e sentem vontade de fazer parte do seu processo de aprendizagem (P10 – 41 anos)*. Nesse sentido, Ferreiro (1995) afirma que as crianças não são meros aprendizes, mas são protagonistas do seu próprio conhecimento. Se o professor der a liberdade para a criança aprender e querer saber mais, as crianças se motivam a aprender.

Seguindo adiante nas análises, chama atenção a seguinte resposta: *As crianças chegam ao 2º ano lendo. Apenas algumas apresentam dificuldades de aprendizagem. Geralmente são encaminhadas para avaliação. (P8 – 44 anos)*. Quanto a essa questão, defendo que as crianças não têm dificuldades de aprendizagem. Muitas vezes, o que ocorre são dificuldades de ensinagem, pois é preciso refletir se a prática utilizada pelo professor em sala de aula está sendo eficiente, se o ensino está dialogando com a aprendizagem de cada criança, se está sendo respeitado o que a criança já sabe no início do seu processo de avaliação, se está claro para o professor que a ideia de “dificuldade de aprendizagem” é fruto da expectativa de que todas as crianças cheguem à escola sabendo as mesmas coisas. Nessa mesma perspectiva, Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e não termina ao finalizar a escola primária”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é um processo tão importante na vida das pessoas, por isso é de extrema importância fazer pesquisas nessa área. Com o avanço que a sociedade vem apresentando, a preocupação com a alfabetização é relevante, pois, cada vez mais, haverá a exigência de sermos sujeitos alfabetizados.

O presente estudo teve como objetivo principal investigar como foram às experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS. As hipóteses iniciais desse trabalho foram de que as pessoas teriam sido alfabetizadas por métodos tradicionais, de que esses métodos deixaram lacunas no processo de alfabetização das pessoas participantes da pesquisa e de que algumas dessas pessoas teriam receio em falar sobre esse período de sua vida, por ter sido negativo.

Foi confirmada a hipótese de que as pessoas teriam receio em falar sobre seu período de alfabetização, pois as respostas, em sua grande maioria, foram breves e sucintas, apenas dois participantes relataram com detalhes como foi esse processo e sob duas perspectivas: que foi um processo positivo, mas que teve pontos negativos. Pelas respostas obtidas pelos questionários, pode-se perceber que a maioria não lembra ou não gosta de falar sobre a História de alfabetização de sua vida. Para minha surpresa, pouco foi retratado sobre os métodos de alfabetização, sendo que imaginei que teriam muitos e variados depoimentos sobre esses métodos.

Entender o processo histórico da alfabetização é essencial para que possamos entender como a Alfabetização vem acontecendo com o passar dos anos. Um dos pontos importantes da pesquisa bibliográfica deste TCC foi dialogar sobre as diferentes ideias de autores sobre o termo *letramento* e entender por que este começou a ser utilizado.

As publicações referentes à alfabetização publicadas no I E II CONBALF foram de extrema relevância para quem tem curiosidade e estuda sobre o tema. Saliento também que esse evento deveria ser mais divulgado nas escolas e Universidades, pois apresenta excelentes contribuições sobre a alfabetização. Esses levantamentos permitiram averiguar o que de mais importante está sendo pesquisado na área da temática desse trabalho. Após análise dessas publicações, é possível afirmar que os trabalhos desse evento envolvem basicamente temáticas relacionadas a políticas e práticas no campo da alfabetização.

Para escrever o meu TCC, foi preciso muita pesquisa. Primeiramente, realizei uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses disponíveis na internet. Ao pesquisar sobre como aconteceu o processo histórico de Alfabetização no Brasil, logo apareceram como

principais autores: Cagliari (1998), Mortatti (2006, 2008, 2010, 2014) e Ferreira (1996, 1999, 2004). Num segundo momento, como dito anteriormente, realizei uma pesquisa de Estado de Conhecimento com as publicações do I e II Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF) para conhecer o que já foi publicado sobre o assunto pesquisado, nesse que se trata do mais representativo evento da área nos estudos nacionais sobre alfabetização. Posteriormente foi realizada uma Pesquisa de Campo, na qual a coleta de dados foi executada através da entrega de questionários.

Minha pesquisa fez uso de uma abordagem qualitativa, a qual se caracteriza por não analisar números para chegar aos resultados, mas sim por se interessar por conhecer e analisar as contribuições das pessoas que responderam aos questionários, caso específico desse TCC.

Os questionários continham cinco perguntas que incentivavam as pessoas a contarem como aconteceu o processo de alfabetização em suas vidas e o que lembravam desse período. Os sujeitos dessa pesquisa foram estudantes que foram alfabetizados e docentes que trabalharam/am como professoras alfabetizadoras em décadas diferentes, sendo respectivamente das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Através do questionário, consegui descobrir brevemente como aconteceu o processo de alfabetização de cada pessoa, as frustrações, enfim, tudo o que marcou positivamente ou negativamente cada um dos participantes do questionário.

As respostas dos questionários foram analisadas e pode-se perceber que as experiências de alfabetização da vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim/RS foi marcada por repetições, memorizações e que por esse motivo não lembram muito de como foi esse processo e que alguns participantes tiveram experiências negativas. Outros ainda acham que poderiam ter sido mais significativas.

Com as análises dos questionários, pode-se também descobrir o que mudou ou permanece o mesmo nos processos de alfabetização. As docentes relatam que precisaram mudar suas práticas pedagógicas com o tempo, pois, ao adquirem experiência, perceberam que não contemplavam todas as crianças e por isso foi essencial fazer essa mudança.

Pode-se perceber que a maioria das pessoas que respondeu ao questionário foi alfabetizada com cartilhas, nas quais se esgotava o trabalho com as famílias silábicas e eram exaustivos os exercícios repetitivos que desconsideravam a realidade da criança.

A maioria das pessoas não lembra de seu processo de alfabetização, mas, analisando as histórias de vida de cada participante que foi alfabetizado no município de Erechim/RS, percebe-se que esse período foi positivo. No entanto, há também relatos de que passaram por um processo negativo, que não tiveram êxito na alfabetização e, presumo, que talvez por isso

não tenham feito questão de contar detalhadamente como tudo aconteceu. Dois participantes responderam sob duas perspectivas diferentes, afirmando que foi positivo, mas que tiveram pontos negativos, e isso marcou muito a história de vida desses indivíduos.

É relevante destacar também as diferenças apontadas pelos participantes entre a época em que foram alfabetizados e os dias de hoje. Os sujeitos afirmam que hoje tudo é mais dinâmico e a tecnologia é um dos fatores que modificou esse processo e que contribuiu muito para a diversidade de atividades para o professor. Defendem, ainda, que hoje as crianças são protagonistas do seu processo de aprendizagem, pois, agora, tem-se, segundo elas, a liberdade de dialogar e aprender com o outro, afirmando que as crianças não são mais consideradas uma tábua rasa, mas são vistas como sujeitos capazes de construir seu conhecimento por meio da mediação do professor.

Os sujeitos da pesquisa dizem, ainda, que as crianças também são diferentes, que elas têm sede de aprender. Além disso, eles definem que as tecnologias vêm contribuir muito nesse processo, pois possibilitam atividades diferentes, jogos, enfim, vários materiais e ideias que podem ser utilizadas em sala de aula. Os sujeitos partem da ideia de que é essencial que o professor mude suas metodologias a cada ano, porque a turma não é a mesma e as especificidades das crianças são outras.

É preciso perceber que a alfabetização é um processo que não acontece apenas no período escolar, muito pelo contrário, acontece diariamente quando estamos fazendo o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais, o que acontece durante a vida toda. Como afirma Ferreira (1999, p. 47), “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Minha pesquisa teve que ser modificada ao longo do percurso. A intenção original era fazer *entrevistas* seguidas de transcrições das falas dos sujeitos de diferentes gerações, relatando sobre como foi o processo de alfabetização pelo qual passaram em sua vida. No entanto, ao realizar duas entrevistas, percebi que as pessoas não recordavam como aconteceu e acabavam por falar muito pouco, ficando até mesmo tímidas com minha presença, o que me deixou frustrada. Diante disso, optou-se por trocar a entrevista por *questionários*. Com os questionários, ficou mais fácil, pois os sujeitos levaram para casa e lembraram esse período de suas vidas com calma sem se sentirem pressionados e com acesso a possíveis depoimentos de familiares, uso de documentos antigos e fotos.

Outra frustração foi em relação aos questionários, pois aos docentes foram entregues em quatro escolas do município de Erechim, com um total de 25 questionários. No entanto, os

professores devolveram respondidos apenas 12. Já os questionários destinados aos estudantes de diferentes gerações foram entregues a 30 pessoas, sendo que destes voltaram respondidos apenas 19 questionários. Isso que me chamou a atenção e me deixou triste, pois criei uma expectativa grande de que todos os questionários voltariam respondidos.

A pesquisa possibilitou refletir sobre as práticas de alfabetização que vêm acontecendo nas escolas de Erechim/RS e descobrir que os participantes da pesquisa, em sua maioria, tiveram processos de alfabetização positivos e que poucos falam detalhadamente sobre este período. Foi possível descobrir também como eram as metodologias utilizadas pelos docentes e constatar que, com o passar dos anos, o processo de alfabetização vem sendo modificado devido às necessidades dos educandos.

O professor tem uma responsabilidade enorme em ser o mediador para que ocorram aprendizagens significativas na vida dos sujeitos e por isso deve ter uma atenção especial para suas metodologias e propor diversidade de atividades aos estudantes e experiências com diferentes materiais, não esquecendo da ludicidade em seus planejamentos .

É necessário que o professor alfabetizador esteja sempre refletindo sobre sua prática e que valorize a formação de um sujeito autônomo que constrói sua aprendizagem, compreendendo a alfabetização como um meio de possibilitar o desenvolvimento integral do indivíduo. Para tal, precisa contribuir para a formação de indivíduos que sejam capazes de refletir, investigar, descobrir, criticar e saber interpretar o mundo.

A alfabetização é um processo de ler, escrever e interpretar, e não de memorização e repetição como era enfatizado antigamente. A alfabetização precisa ser entendida como um processo de construção e que se desenvolve ao longo da vida. Não se pode alfabetizar através de exercícios de repetição e de palavras desconhecidas da criança, é preciso alfabetizar através daquilo que está ao seu redor, pois, assim, terá mais sentido para a criança. É essencial, durante o processo de alfabetização, proporcionar a criação, a imaginação e a criatividade.

Promover um ambiente alfabetizador é essencial durante esse processo de alfabetização, é preciso que a criança seja estimulada e incentivada a aprender a ler e a escrever, é preciso contato com materiais de leitura desde que nasce, pois fazem parte de sua realidade, da sua vida.

Eu pretendo no futuro continuar as pesquisas sobre a alfabetização, pois é um tema que me instiga muito a descobrir como este processo vem acontecendo e o que fazer para que a alfabetização dos sujeitos seja, de fato, significativa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Amaziles Gonçalves. *et al.* Alfabetização e letramento na percepção de bolsistas PIBID na UFMG: afinal, o que são?. **Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Minas Gerais, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- CAGLIARI, L.C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **O mundo da escrita**. Em alfabetização e lingüística. São Paulo: Scipione, 1989.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Vozes, 2011.
- COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização e letramento: repensando o Ensino da Língua Escrita**. 2004.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização e cultura escrita**. 2013. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/emilia-ferreiro-alfabetizacao-e-cultura-escrita/>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2004.
- FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRO, Emília. Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Yetta M. (Org.). **Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIZON, Lourdes Maria Bragagnolo; SCHWARTZ, Suzana. Motivação e aprendizagem: avanço na pratica pedagógica. **Ciênc. Let.** Porto Alegre, n.32,2012.

GADOTTI, Moacir. O uso do termo letramento como alfabetização é uma forma de se contrapor ideologicamente á tradição freireana. **Revista Pátio**. Porto Alegre, ano IX, n. 34, p.48-49 mai./jul. 2005.

GONÇALVES, Andressa *et.al.* Alfabetização e letramento: pressupostos teóricos e práticos desenvolvidos por meio do Programa Institucional de Iniciação a Docência PIBID. **Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Maringá, 2013.

HOFFMANN, Jussara M.L. Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 2007.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KRAMER, S.; NUNES, M.; CORSINO, P. Infância e crianças de seis anos: desafios das transições na educação infantil e no Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 1. jan/abril, 2011

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas 2010.

LEÃO, Deusmaura Vieira. **Aquisição da Língua Escrita**: efeitos de significantes. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

LIMA, Alex; SILVA, Leila. As concepções do educando da educação de jovens e adultos sobre o uso de jogos de alfabetização na sala de aula. **Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Minas Gerais, 2015.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: elaboração e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. 8. ed. revisada e atualizada. Porto Alegre. Mediação, 2009.

MOREIRA, Marco A. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo, EPU, 1999.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul. Dez. 2014

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Revista ACOALFAPlp**: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: setembro 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p.329-410, maio/ago. 2010

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil, 2006. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2018.

MORTATTI, Maria do Rosário; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

NOGUEIRA, E; MELIN , Ana Paula. Vozes reveladas e reveladoras nas narrativas sobre a formação de professor alfabetizador no PIBIB. **Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Minas Gerais, 2013.

PAIM, Marilane Maria Wolff. Alfabetização e alfabetização matemática no primeiro ano do ensino fundamental. **Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Minas Gerais, 2013.

PESSOA, Ana Cláudia *et al.* O uso de jogos no ciclo da alfabetização: estratégias desenvolvidas por docentes em processo de formação. **Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Minas Gerais, 2015.

PRETTO, Nelson de Luca. Linguagens e Tecnologias na Educação. In: CANDAU, Vera (Org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RIBEIRO, Antonio de Lima. **Gestão de Pessoas**. São Paulo: Saraiva, 2006.

SCHWARTZ, Suzana. **Inquietudes pedagógicas na prática docente**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007

SILVA, Adriana M. P. da *et al.* Os diferentes textos em salas de alfabetização. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Ano 01, unidade 05, 2012.

SILVA, Evanilza; SANTOS, Tatiane. Os agrupamentos produtivos na alfabetização e as diferentes concepções sobre ensino/aprendizagem da leitura e da escrita. **Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Acre, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Magda. **Letrar é mais que alfabetizar**. 2008. Disponível em:
<<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/magda.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**. Ano VIII,n.29,p.96-100,fev 2004. Disponível em:
<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>> Acesso em: 25 nov.2018.

SOARES, Magda. É impossível no estado atual do conhecimento e das pesquisas sobre a aprendizagem da escrita, deter o uso da palavra e do conceito de letramento. **Revista Pátio**. Porto Alegre, ano IX, n. 34, p.50-52 mai./jul. 2005.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. jan/abr.n.25, 2003.

SOUZA, Abda Alves Vieira de; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A formação do PNAIC e as políticas públicas de formação de leitores: quais as repercussões na prática de professores alfabetizadores?. **Anais do II Congresso Brasileiro de Alfabetização**, Pernambuco, 2015.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtiva. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEBEROSKY, A. **Debater e Opinar Estimulam a Leitura e a Escrita**. Disponível em:
<https://docplayer.com.br/33955194-Ana-teberosky-debater-e-opinar-estimulam-a-leitura-e-a-escrita.html> . Acesso em: 10 jan. 2019.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

CAMPUS ERECHIM/RS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é buscar compreender como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim.

Desde já, agradeço sua participação e me coloco à disposição para qualquer dúvida pelo e-mail: *cardoso.mariliane@yahoo.com.br* e pelo telefone: (54) 999115271.

Idade: _____

Sexo: _____

Em que ano você ingressou na alfabetização: _____

Quantos anos você tinha nessa época: _____

1) Como a professora ensinava a ler e escrever?

2) A professora trabalhava com cartilha ou livro didático? Como ele/ela era? Se recordar, diga o nome.

3) Descreva detalhadamente as atividades que recorda que realizavam em sala de aula?

4) Você considera que seu processo de alfabetização foi positivo ou negativo? Justifique sua resposta.

5) Você percebe diferenças entre a época que você foi alfabetizada e os dias de hoje? Quais?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

CAMPUS ERECHIM/RS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é buscar compreender como foram as experiências de alfabetização na vida de pessoas de diferentes gerações que residem no município de Erechim.

Desde já, agradeço sua participação e me coloco à disposição para qualquer dúvida pelo e-mail: *cardoso.mariliane@yahoo.com.br* e pelo telefone: (54) 999115271.

.

Idade: _____ Sexo: _____

Em que ano você ingressou em turmas de alfabetização: _____

Quantos anos você tinha nessa época: _____

1) Como ensina as crianças a ler e escrever?

2) Você trabalha com cartilha ou livro didático? Como ele/ela é? Se recordar, diga o nome.

3) Descreva detalhadamente as atividades que realiza em sala de aula?

4) Você considera seu processo de alfabetizar positivo ou negativo? Justifique sua resposta.

5) Você percebe diferenças entre a época que você foi alfabetizada e os dias de hoje? Quais?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM/RS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, ciente de minha participação nesta pesquisa sobre: História(s) de alfabetização no município de Erechim, autorizo a utilização de minhas respostas, bem como a posterior análise destas, em possíveis publicações e divulgações científicas, desde que minha identidade seja preservada.

Erechim, ___ / ___ / _____

E-mail e/ou telefone do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Pesquisadora: Mariliane Cardoso

Contato pelo e-mail: *cardoso.mariliane@yahoo.com.br*



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

CAMPUS ERECHIM/RS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, autorizo a pesquisadora Mariliane Cardoso a incluir e analisar em sua pesquisa sobre: História(s) de alfabetização no município de Erechim, e em possíveis publicações e divulgações científicas as respostas dadas pelo/a minha/meu filho/a

_____ na entrevista realizada com ele/a, desde que seu nome não seja revelado.

Erechim, ___ / ___ / _____

Assinatura do responsável: _____

E-mail e/ou telefone do responsável: _____

Pesquisadora: Mariliane Cardoso

Contato pelo e-mail: *cardoso.mariliane@yahoo.com.br*